

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ

LEON ALLEIN TONATTO

**A CONTRIBUIÇÃO DE “A SOCIEDADE PRIMITIVA” DE LEWIS MORGAN
PARA A CONCEPÇÃO DE KARL MARX SOBRE AS SOCIEDADES PRÉ-
CAPITALISTAS.**

CURITIBA

2014

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ

LEON ALLEIN TONATTO

**A CONTRIBUIÇÃO DE “A SOCIEDADE PRIMITIVA” DE LEWIS MORGAN
PARA A CONCEPÇÃO DE KARL MARX SOBRE AS SOCIEDADES PRÉ-
CAPITALISTAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de História – Faculdade de Ciências Humanas,
Letras e Artes da Universidade Tuiuti do Paraná,
como requisito parcial para a obtenção do grau de
Licenciado em História.

Orientador: Professor Dr. Pedro Leão da Costa Neto.

CURITIBA

2014

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
1 LEWIS HENRY MORGAN E A SOCIEDADE PRIMITIVA	9
1.1 TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE LEWIS MORGAN.....	13
1.2 A SOCIEDADE PRIMITIVA DE LEWIS MORGAN.....	19
2 KARL MARX E AS SOCIEDADES PRÉ-CAPITALISTAS	33
2.1 KARL MARX E A CONCEPÇÃO MATERIALISTA DA HISTÓRIA	34
2.2 MARX LEITOR DE LEWIS MORGAN.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS.....	60

INTRODUÇÃO

As investigações históricas estiveram presentes ao longo da vida de Karl Marx e Friedrich Engels, no que tange ao modelo interpretativo que esboçaram, quanto na atividade prática que desempenharam (visto as discussões com o movimento operário). A concepção materialista da história representou um marco dentre as demais existentes, no século XIX, pois alterou o foco das examinações, a problemática que outrora voltava-se aos personagens e acontecimentos políticos passou ao questionamento da organização do homem com a natureza e dos homens entre si; partindo destes pontos a história fora investigada.

A amplitude da concepção materialista não restringe-se especificamente ao histórico a mesma, ao longo dos estudos e pesquisas de Marx e Engels passou por aprofundamentos, recebendo influxos de outras campos investigativos, do campo econômico ao antropológico, dentre estes destacamos a etnologia, cuja contribuição se ressaltou após os estudos de Marx acerca da obra *A Sociedade Primitiva*, redigida em 1877, pelo etnólogo estadunidense Lewis Henry Morgan.

Após a redação de *O Capital*, os interesses de Marx, repousaram sobre as questões da constituição das comunidades rurais aliado ao estudo da pré-história; para tal estudou e elaborou cadernos com anotações sobre a história medieval germana, da composição rural na Europa e Ásia, sobre o colonialismo, geologia e antropologia, o que demonstra a vastidão de suas investigações.

Deste modo, o presente trabalho tem por objetivo apontar em que medida houve uma contribuição da obra: *A Sociedade Primitiva*, de Morgan à concepção materialista da história, mais precisamente acerca das sociedades pré-capitalistas esboçadas por Karl Marx. Esta relação entre os dois autores ficou expressa pelos borrões de estudo de Marx, os *Cadernos Etnológicos*, redigidos entre os anos de 1880 – 1882, publicados postumamente, após a organização pelo antropólogo marxista Lawrence Krader.¹

¹ Lawrence Krader (1919 – 1998) foi um antropólogo proveniente dos E.U.A cujo o tema central dos estudos concentrou-se no âmbito da etnologia, na qual desenvolveu uma análise dialética da história. Em

Estes estudos etnológicos foram de importância no âmbito teórico de Karl Marx, no que tange à interpretação histórica e seus desenvolvimentos, como evidenciou Friedrich Engels em uma nota de rodapé presente na edição inglesa do Manifesto Comunista:

[...] Em 1847, a pré-história da sociedade, organização social anterior à história escrita era quase desconhecida. Mais tarde Haxthausen descobriu na Rússia a propriedade comum da terra. Maurer demonstrou que ela é o princípio social do qual procedem historicamente todas as tribos alemãs e aos poucos se verificou que a comunidade rural, com a posse coletiva da terra, foi a forma primitiva da sociedade, da Índia à Irlanda. Finalmente, a organização interna dessa sociedade primitiva comunista foi, em sua forma típica, posta às claras por Morgan, cuja descoberta decisiva revelou a verdadeira natureza da *gens* e sua posição na tribo. Com a dissolução dessas comunidades primitivas, começa a divisão da sociedade em classes distintas e finalmente antagônicas. Tentei seguir esse processo de dissolução em *Der Ursprung der Familie, des Privateigentums und des Staats* (A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado) [...] ²

Deste modo nosso trabalho busca identificar estes pontos de influência de Morgan na concepção materialista da história, para tal a análise serão utilizados como fontes primárias, a obra *A Sociedade Primitiva* de Morgan, e os escritos de Marx em particular os *Cadernos Etnológicos*.

Para compreensão da importância e significado da obra de Lewis Morgan no contexto antropológico, optamos por dividir o primeiro capítulo em dois, de início foram delineando os diferentes componentes do pensamento antropológico em sua formação

seu trabalho investigativo reorganizou os cadernos de anotações originais de Marx sobre etnologia e com uma breve introdução, desenvolveu as diferenças e semelhanças que Marx estabeleceu com os demais antropólogos do século XIX; bem como reafirmou o debate da periodização da história. Um dos seus grandes momentos teóricos permeou as discussões que manteve, durante seus trabalhos entre os anos de 1947 – 1953, com o destacado teórico marxista de origem alemã, Karl Korsch, uma das figuras importantes do marxismo contemporâneo. Este debate entre os autores pode ser evidenciado nas dedicatórias das obras, nos *Cadernos Etnológicos* e em particular no livro *The Asiatic Mode of Production*, nos quais Krader dedica-os à Korsch. As questões levantadas por Krader contribuíram para a formação da concepção dialética da sociedade civil, cujo ponto de partida deu-se no campo antropológico; corroborando com isto, o autor, ainda aprimorou o debate acerca da distinção entre as relações de produção e os modos de produção, o primeiro caracterizando-se nas relações de trabalho e distribuição na produção da vida material e o segundo que é composto tanto pelas relações de produção como pelas forças produtivas. Evidenciando a possibilidade de encontrarem-se relações de produção iguais em distintos modos de produção; bem como o fato de que as mudanças nas relações de trabalho determinarem as alterações nas forças produtivas materiais. FÁBREGAS, Andrés. Notas sobre el trabajo de Lawrence Krader. In: *Nueva Antropología*. México: Asociación Nueva Antropología.A.C.v.III, n.10, 1979. p.05-12. Disponível em: <redalyc.org/articulo.oa?id=15931002>. Acesso em: 20 novembro 2014.

² MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. 2ªed. São Paulo: Editora Escala, 2009, (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal).p.53.

até o século XIX, apoiado pelas pesquisas bibliográficas em diversas obras etnológicas, a fim de que o leitor possa situar-se no que tange aos desenvolvimentos deste campo de estudo; esta organização fez-se premente para expor na sequência o significado das obras de Morgan neste contexto, passando portanto, a delinear a trajetória teórica empreendida pelo autor e seus desenvolvimentos anteriores à *Sociedade Primitiva*, destacando sua ávida busca do conhecimento e pesquisa, utilizando para tal a contribuição do antropólogo francês Maurice Godelier.

A segunda parte deste primeiro capítulo busca demonstrar os aspectos concernentes d`A *Sociedade Primitiva*, delineando os aspectos evidenciados por Lewis Morgan, na organização da obra, bem como evidenciando a relevância desta; a leitura será realizada por meio da análise da obra citada bem como a utilização da crítica exposta pelo antropólogo marxista francês, Emmanuel Terray, que em seu livro: *O marxismo Diante das Sociedades Primitivas*, buscou compreender as relações marxianas interpretativas com a referida obra; a contribuição de Terray nesse capítulo reside sobretudo para a compreensão da lógica intrínseca ao escrito.

Este capítulo também busca demonstrar que a interpretação da obra de Morgan é muito mais profunda que um mero evolucionismo, ela tenciona relações que ocorrem diacrônicamente, ou seja assumindo o lapso temporal e sincrônicamente, com uma série de fatores que ocorrem ao mesmo tempo e que devem ser observados em conjunto, ou seja, a análise deve levar em conta tanto a sincrônia como a diacrônia, nesse sentido à contribuição que difere nominalmente estes termos fora tomada do linguista gaulês Ferdinand Saussure.

O segundo capítulo investiga às questões relacionadas à análise interpretativa da história por Karl Marx para em seguida delinear alguns pontos da compreensão etnológica. Inicialmente fez-se necessário esboçar a trajetória intelectual do autor, demonstrando seu período de juventude e suas concepções, expressamente embebidas do hegelianismo ao qual desvencilhou-se após a redação dos manuscritos constituintes d`A *Ideologia Alemã*, entre os anos 1845-1846. São nestes manuscritos que surgem a forma organizativa da concepção materialista da história, à qual delineamos alguns desenvolvimentos, apontando na sequência sua amplitude de

análise, englobando as forças produtivas, relações de produção, troca e as formas de propriedade. Um dos pontos nervais da análise concentra-se na discussão dos movimentos de sucessão histórica ligados às relações anteriormente citadas, as quais permitem pensar a história a partir do desenvolvimento, não teleológico com um destino pré-determinado e sim descontínuo com uma gama de desdobramentos.

Para tal, também apontamos as contribuições que ocorreram a partir dos estudos de Marx das sociedades pré-capitalistas; cujos estudos sobre o Oriente permitiram ao autor complexizar a análise que já havia esboçado. Corroborando para este sequente aprofundamento dos estudos das sucessões das sociedades destaca-se, sobretudo no capítulo das *Formen (Formações Econômicas Pré-Capitalistas)* presente nos *Grundrisse* (1857-1858), uma série de estudos acerca das sociedades pré-capitalistas, e suas posteriores sucessões, evidenciando o processo de desvencilhamento do trabalhador com os meios que utiliza para produzir, fator que esteve impresso no modo de produção capitalista.

Ainda na primeira parte do segundo capítulo esboçamos os estudos posteriores de Marx que a partir da década de 1870, debruçou-se ainda mais sobre as particularidades dos desenvolvimentos concernentes às sociedades pré-capitalistas, evidenciando os estudos da comuna rural russa e os correspondentes à etnologia. Os pilares críticos para a análise dos textos de Marx e Engels, foram as contribuições do historiador Alemão, Eric Hobsbawm que em sua Introdução da edição inglesa das *Formen*, delineou estas questões.

Por fim, buscamos apresentar e expor algumas questões dos *Cadernos Etnológicos*, seus desdobramentos, seu modelo de organização, o método de estudo e verificação de Marx, o qual tomou a leitura de Morgan como complementar às suas concepções, reconhecendo a autoridade deste no que tange à etnologia. Ressaltando que os *Cadernos* demonstram o pensamento antropológico de Marx em sua maturidade, transcendendo do filosófico da juventude para atingir aspectos concretos.

A concepção teórica que possibilitou a análise crítica tanto da obra de Lewis Morgan quanto dos borrões de estudo etnológicos de Marx foi expressa por Lawrence

Krader (1919 – 1998), em sua introdução dos *Cadernos Etnológicos*. O autor demonstrou que os problemas antropológicos foram evidenciados na teoria de Karl Marx e Friedrich Engels, desde os *Manuscritos de Paris* (1844); *Ideologia Alemã* (1845 – 1846) e posteriormente nos *Grundrisse* (1857 - 1858); *O Capital* (1867) até chegar aos *Cadernos Etnológicos* (1880 – 1882). Em linhas gerais Krader obsevou em sua teoria que há a existência no Jovem Marx de uma teoria antropológica de cunho mais filosófico, com compreensões ainda embebidas de hegelianismo, logo de cunho idealista, mas que no decorrer dos estudos vai ganhando contornos cada vez mais empíricos, até tornar-se uma análise mais concreta dialeticamente.

O conceito que permitiu problematizar as questões concentra-se na dialética existente entre a antropologia e história, as quais estabelecem, segundo Krader, uma relação de continuidade e descontinuidade; a antropologia possui uma relação mútua com a história da humanidade, esta definida por Marx como história da luta de classes, posteriormente denominada de história da sociedade civil ou política.

A história humana (e que portanto, compreende a história em sua totalidade, a do homem primevo) está no geral em continuidade e descontinuidade com a história da sociedade civil; esta última estabelece com a primeira um *continuum*, visto que ambas compõem a história da evolução do homem mas distinguem-se na medida em que na sociedade civil, surgem classes delineadas e posteriormente antagônicas. Logo é quando aparecem novos elementos como a luta de classes e o estado a descontinuidade completa-se.³

Estas noções estiveram presentes em nossa investigação, visto que Morgan, quando delineou as etapas de progressão humana, mais precisamente o período étnico demonstrou que a sociedade tinha por tendência se alterar, de um grupo constituído em relações de parentesco, *Societas* ao delineado pela relação territorial, *Civitas*.

Logo esta análise de continuidade e descontinuidade dos fundamentos elementares da teoria de Karl Marx junto a de Morgan, possibilitaram apontar o influxo

³ KRADER, Lawrence. Introducción. In: *Los Apuntes Etnológicos de Karl Marx*. Madrid: Siglo XXI, 1998. p.05.

etnológico nas concepção de sociedade pré-capitalistas e no que estes efetivamente contribuíram para o desenvolvimento dos preceitos marxianos.

1 - LEWIS HENRY MORGAN E A SOCIEDADE PRIMITIVA

A antropologia moderna arregimentou uma série de contribuições para seu desenvolvimento, dentre estas situam-se as obras e pesquisas do etnólogo e jurista estadunidense Lewis Henry Morgan (1818 – 1881), cujas obras ainda impulsionam debates no meio acadêmico, entre aqueles que o classificam como evolucionista ou ainda aqueles que defendem um Morgan mais complexo em sua análise. Além de observador de diferentes instituições sociais, Morgan também realizou pesquisas em campo junto aos Iroqueses do interior da América do Norte; o que possibilitou ao mesmo um vasto material de dados, abrangendo desde as instituições até os costumes destes povos e que posteriormente forneceriam materiais empíricos para suas obras. Dentre estas destaca-se *A Sociedade Primitiva*, na qual demonstra seu propósito de conferir um esquema amplo do progresso do desenvolvimento das invenções, descobertas e das instituições (destacando-se as artes de subsistência, família, governo e propriedade). No entanto, antes de analisarmos a obra, já referida, devemos compreender o trabalho de Morgan no contexto histórico da Antropologia.

A antropologia tem por objetivo, o estudo do homem enquanto espécie e em relação com seus semelhantes, englobando de forma geral todas as sociedades humanas, no entanto, não possui uma forma concreta, específica e delimitada de análise, possibilitando diversas problemáticas e linhas de pesquisas distintas. A reflexão do homem sobre o próprio homem ou em relação ao “outro” ao “distante” data desde a antiguidade, englobando diversos valores específicos para cada sociedade em determinado tempo; de início configurou-se expressamente com um cunho mitológico, artístico, teológico ou filosófico.

A definição do diferente, mudou ao longo do tempo; este é o oposto do que constituímos como nós, logo com o decorrer dos séculos este *limes*, do que é o “nós” e o “eles” modificou-se substancialmente; a relação com o distinto, já esteve presente no cenário da antiguidade, como atestam os próprios termos e nomenclaturas que alguns

povos atribuíam a si e aos outros⁴; bem, como no próprio Heródoto, em seus discursos sobre os “outros” (não-gregos)⁵. Esta relação seguiu a humanidade em seu curso, passando desde debates sobre a questão dos “selvagens” possuírem ou não uma alma (expressamente vinculado com a questão religiosa ao fim da idade média), até as concepções humanistas em vigor no século XVII e XVIII de uma questão ora negativa do diferente (extrema negação) ora de apologia ao mesmo (pureza ingênua dos “bons selvagens⁶”).

Somente no último quartel do século XVIII que se começa a esboçar um “saber científico” antropológico, colocando o homem, não só como sujeito mas também como um objeto de conhecimento, utilizando de métodos já em voga na biologia ou física. Este esboço de antropologia surgido no século XVIII na Europa (e que posteriormente tornou-se a antropologia social e cultural, a etnologia), precisou para seu desenvolvimento, superar “obstáculos”, como a distinção do saber científico e filosófico bem como, tornar o conceito “homem” menos abstrato e ainda desvincular as análises e relatos do discurso histórico expresso em uma história natural, livre da teologia mas crente em uma marcha das sociedades rumo ao progresso. Como observou Laplantine:

Restará um passo considerável a ser dado para que a antropologia se emancipe deste pensamento e conquiste finalmente sua autonomia. [...] esse passo será dado no século XIX (em especial com Morgan) a partir de uma

⁴ Por exemplo, o nome com que os povos que constituíram o Irã da Antiguidade Oriental, atribuíam a si e ao outro. A palavra Irã: “Do antigo irânico *airya* deriva o médio-persa *eran*, contraposto a *aneran* <<não persa>>, <<estrangeiro>> e fonte do atual Irã, nome oficial da Pérsia Moderna. O mesmo vocábulo médio-persa na forma *erak*, <<persa>>, foi pelos árabes alterado em al-`Iraq, nome que designa a região do Tigre e do Eufrates, correspondendo portanto, aproximadamente, à Mesopotâmia”, onde hoje encontra-se o estado do Iraque. GIORDANI, Mário Curtis. O Irã. In: *História da antiguidade oriental*. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 264.

⁵ Heródoto possuindo por modelo a civilização Helena precisava no estudo dos distintos (não gregos), então classificados como “bárbaros”, descrevê-los para compreender no que estes povos constituíam-se como tal. COPANS, Jean. (coord.). *Origens da Antropologia*. In: *Antropologia, ciência das sociedades primitivas?*. 2ªed. Lisboa: Edições 70, 1971. p.21.

⁶ A figura do bom selvagem, delineada por Jean-Jacques Rousseau, observou o distinto (selvagem) como sujeito ingênuo às reações sociais dos então considerados “civilizados”; analisando esta pureza dos distintos como algo positivo, derivado da própria condição natural de vida, por meio da abundância dos recursos naturais necessários à vida, bem como da fraternidade e inocência presente na relação entre os homens. Estes fatores inerentes positivos ao ser somente seriam rompidos com o advento da civilização. LEOPOLDI, José Sávio. Rousseau - estado de natureza, o "bom selvagem" e as sociedades indígenas. In: *Revista Alceu*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, v. II, n. 4, jan./jun. 2002, p. 158-172. Disponível em: <revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n4_Leopoldi.pdf>. Acesso em: 10 novembro 2014.

abordagem igualmente e até talvez, mais marcadamente historicista: o evolucionismo⁷.

Justamente no século XIX, um período de grandes mudanças na história mundial, a antropologia atingiu uma legitimidade como saber científico, na segunda metade deste, constituindo-se então como “ciência das sociedades primitivas” (termo atribuído na análise de todas as dimensões: tecnológicas, econômicas, religiosas, linguísticas) assentada e sob influência do conceito de evolução⁸. É importante ressaltar os contextos históricos e geopolíticos, que permeavam o segundo quartel do século XIX, este constituindo-se como época das conquistas coloniais (destaca-se a assinatura da ata final da conferência de Berlim de 1885); da marcha pelo “progresso”; do avanço da industrialização e tecnologia (segunda revolução industrial, utilização de novas fontes energéticas); do cientificismo; do avanço do capitalismo e posteriormente do imperialismo, situações que marcam profundamente não só a *praxis* real existente bem como o próprio estudo da ciência.

Neste período África, Índia, Austrália e Nova Zelândia, receberam milhares de emigrantes europeus, não mais com o intuito missionário e sim na função de “administradores”, o antropólogo do período acompanhou o passo do colono, pois a partir de questionários enviados dos primeiros em relação a localidade, que pretendeu-se estudar, foram constituídos os materiais de reflexão e pesquisa, assim coube a estes estudiosos a centralização destes documentos e questionários acompanhados da elaboração de uma análise crítica, ainda que em alguns casos o estudo a campo, também ocorresse, a análise antropológica cada vez mais saiu do campo “abstrato filosófico” para ganhar contornos mais concretos.

Já, na segunda metade do século XIX, destacam-se a formação de sociedades de estudos etnológicos na França e Inglaterra e diversas obras, com as do jurista e antropólogo suíço J.Johann Bachofen: *Das Mutterrecht* (1861)⁹; do jurista britânico

⁷ LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1ª, 1988. p.62.

⁸ Evolucionismo surge inicialmente no campo biológico, ganhando relevância, sobretudo com a obra *Origem das Espécies* de Charles Darwin, publicada em 1859. O conceito de evolução transcendeu da biologia e influenciou outras áreas do conhecimento (exato ou mesmo aqueles ligados as humanas).

⁹ “O Direito Materno” de Bachofen teve por objetivo reconstituir teoricamente a história do parentesco. No prefácio da “Origem da Família”, Friedrich Engels destacou importância de Bachofen, por ter sido o “primeiro a substituir as frases sobre um desconhecido e primitivo estágio de promiscuidade sexual pela demonstração de que, na literatura clássica grega há muitos vestígios de que entre os gregos e os povos asiáticos existiu realmente, antes da monogamia, um estado social em que não somente o homem

Henry. S. Maine: *Ancient Law* (1861)¹⁰; do também britânico Edward Tylor: *Primitive Culture* (1871)¹¹ e sobretudo Lewis Morgan: *Ancient Society* (1877). Estes autores, são descritos por vezes, em sua maioria, como pertencentes a escola evolucionista (ora unilinear ou multilinear¹²).

Estes ainda segundo Laplantine, estabeleceram “um *corpus* etnográfico para a humanidade” além de uma mudança de concepção em relação a “época das luzes”, o gentio não fora mais considerado como “o selvagem” (distinto em essência do homem branco “civilizado”, como reconhecido no século XVIII) e sim como “o primitivo” (o antecessor do civilizado), deste modo a espécie humana ganhou uma unidade, visto que o desenvolvimento (tecnológico, econômico, cultural e social) ocorreu em diferentes ritmos e etapas, do primitivo ao civilizado. Coube então ao Antropólogo determinar a sequência dos estágios destas transformações, deste modo, o objeto de estudo delineou-se na totalidade da cultura humana no tempo e no espaço.

Esta análise antropológica embebida de evolucionismo, tem segundo Laplantine maior destaque na obra de Morgan:

O evolucionismo encontrará sua formulação mais sistemática e mais elaborada na obra de Morgan e particularmente em *Ancient Society*, que se tornará o documento de referência adotado pela imensa maioria dos antropólogos do final do século XIX [...].¹³

Essa influência não somente restringiu-se ao âmbito dos estudiosos da antropologia mas abarcou diversos campos de investigação, chegando inclusive a impulsionar trabalhos posteriores e fornecer material crítico de apoio à Karl Marx e

mantinha relações sexuais com várias mulheres, mas também a mulher mantinha relações sexuais com diversos homens, sem que com isso violassem a moral estabelecida”. ENGELS, Friedrich. Prefácio à quarta edição 1891. In: *A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. São Paulo: Centauro, 2002. p.14.

¹⁰ Este livro de Maine, tinha por objetivo demonstrar sua tese a respeito da passagem da “barbárie” à “civilização”, cujo o mesmo demonstrou que esta transição fora marcada por uma mudança em um sistema de direito baseado nos laços pessoais para outro apoiado nos elos de contrato. ALMEIDA, Mauro W.B. Lewis Morgan: 140 anos dos Sistemas de Consanguinidade e Afinidade da Família Humana (1871-2011). In: *Cadernos de Campo*, v.19, n.19, 2010. p.315. Disponível em: <revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/45193>. Acesso em: 07 setembro 2014.

¹¹ A obra de Tylor também exerceu influência no próprio Morgan, em seus estudos sobre relações de parentesco.

¹² Uma escola segundo Jean Porier é caracterizada por conter um “Reagrupamento real de certo numero de pensadores que concordam em alguns pontos essenciais (conservando, no de mais, sua originalidade), e que mantiveram entre si, relações seguidas que lhe influenciaram a obra”. POIRIER, Jean. História da Etnologia. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1981. p.34

¹³ LAPLANTINE, François. *op.cit.*, p.66.

Friedrich Engels, tendo em vista a redação dos *cadernos etnológicos* e *A Origem da Família, Propriedade privada e do Estado*. Segundo o antropólogo Robert Lowie, Marx e Engels, popularizaram as teorias de Morgan, tendo em vista a compatibilidade das suas análises¹⁴. A importância que os estudos de Morgan exerceram para seus contemporâneos, pode ser destacada na observação de Engels em seu prefácio de 1891:

O descobrimento da primitiva gens de direito materno, como etapa anterior à gens de direito paterno dos povos civilizados, tem, para a história primitiva, a mesma importância que a teoria da evolução de Darwin para a biologia e a teoria da mais-valia, enunciada por Marx, para a economia política.¹⁵

Apesar de muitos antropólogos obterem uma leitura evolucionista da obra de Morgan, é importante destacar algumas particularidades de suas obras bem como uma análise mais crítica e profunda do trabalho desenvolvido pelo mesmo. Esboçaremos na sequência sobre a trajetória dos estudos do autor, bem como uma investigação mais detalhada d' *A Sociedade Primitiva*.

1.1 – TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE LEWIS MORGAN

Antes de nos determos na leitura d' *A Sociedade Primitiva* será necessário examinar a trajetória intelectual de Lewis Henry Morgan¹⁶, a fim de compreender seus focos de análise. Reconhecido como erudito do século XIX; seu itinerário teórico foi constituído por ricas pesquisas e uma ávida vontade de investigação, como constam os diversos trabalhos que desenvolveu.

Morgan, ainda é considerado um dos fundadores da ciência antropológica¹⁷; nasceu no ano de 1818 em uma fazenda agrícola nas proximidades da cidade de

¹⁴ Lowie em sua *Historia de la etnologia* ressaltou com o termo “compatibilidade” a questão evolucionista que julgou existir na conjuntura destes autores; no entanto se Marx e Engels realizassem uma leitura pura e simplesmente evolucionista de Morgan a refutariam como o fizeram, por exemplo, com o ensaio de Lange, que se apropriou do evolucionismo Darwiniano transferindo-o e aplicando-o à sociedade. TERRAY, Emmanuel. *O marxismo diante das Sociedades Primitivas*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.p.30-31.

¹⁵ ENGELS, Friedrich. *op.cit.*, p.20.

¹⁶ Para esboçar a trajetória do referido autor, foram utilizadas as seguintes obras: GODELIER, Maurice. Lewis Henry Morgan (1818-1881). In: *Antropologia e Marxismo*. Roma: Editori Runiti, 1980. p.223-231; PALUCH, Andrzej. *Mistrzowie Antropologii Społecznej*. Varsóvia: PWN, 1990.

¹⁷ GODELIER, Maurice. *op.cit.*, p.223-231.

Aurora (Nova Iorque, EUA), formou-se em direito em 1840 e no ano de 1844 mudou-se para a cidade de Rochester (Nova Iorque, EUA) na qual permaneceu até o fim da vida.

Morgan tornou-se então advogado e intelectual, nutrindo uma grande paixão pela pesquisa dos povos ameríndios; seu interesse pela antropologia apareceu de forma casual, quando finalizou seus estudos no *Union College* ingressando em um clube de nome: “Grande Ordem dos Iroqueses”¹⁸; o próprio estado no qual ele viveu fora outrora habitado por povos ameríndios dentre eles: os Iroqueses.

O autor possuía uma condição financeira que permitiu um aprimoramento de seus estudos, pois além de advogado, dedicou-se a política, configurando nos quadros do partido liberal e posteriormente do republicano sendo eleito deputado e senador. Somado a estes fatos em 1855 tornou-se conselheiro jurídico de uma Companhia ferroviária.¹⁹

Ao longo de suas pesquisas Morgan estudou a história e cultura dos povos iroqueses, em particular dos “Seneca”; estabelecendo laços de amizade e chegando inclusive a defendê-los (representá-los) em questões jurídicas, no que concernia a expansão e dominação dos brancos na América²⁰. Essas atitudes de respeito e admiração para com os Iroqueses foi reconhecida pelos mesmos que chagaram a adotá-lo ao grupo, incorporando-o junto a tribo Seneca, na gens falcão sob o nome de *ta-ya-do-o-wab-rub*²¹. Morgan inclusive citou em uma nota de rodapé na obra *Sociedade Primitiva*, a existência de meios adotivos na comunidade gentílica, dos quais participou:

Depois de reunida a tribo na casa onde decorria o conselho, um dos chefes pronunciava uma alocução em que apresentava o indivíduo adoptado, dava as razões da adopção, indicava o nome e a gens da pessoa que o adoptava e o nome que lhe era conferido. Dois chefes davam-lhe então o braço e caminhavam com ele pela casa do conselho, entoando o cântico de adopção. [...] Alguns americanos são por vezes adoptados em sinal de amizade. Eu próprio fui adoptado, há alguns anos, pela gens Falcão, da tribo dos Seneca; foi assim que pude assistir a esta cerimónia.²²

¹⁸ PALUCH, Andrzej. *op.cit.*, n.p.

¹⁹ GODELIER, Maurice. *op.cit.*, p.223-231.

²⁰ Em um caso específico, Morgan foi a Washington defender os Iroqueses contra os interesses de uma determinada companhia de ferro, que com documentos fraudulentos pretendiam anexar a área da tribo. *Id.Ibid.* p.223-231.

²¹ A expressão iroquesa *ta-ya-do-o-wab-rub*, significa algo equivalente à “aquele que está entre” PALUCH, Andrzej. *op.cit.*, n.p.

²² MORGAN, Lewis H. *A Sociedade Primitiva*. Lisboa: 2ªed. v.1. Presença, 1973. p.100.

Suas investigações referente aos Iroqueses iniciaram em 1842 e culminaram no livro publicado em 1851, sob o título de *A Liga dos Iroqueses*, este consistindo em um amplo estudo sobre a organização de parentesco entre os Iroqueses; a obra foi dedicada ao seu amigo L.S Parker, que era um ameríndio da tribo seneca e que também contribuiu nos seus estudos. Este livro, segundo Almedia é “até hoje reputado como uma importante monografia sobre a organização política indígena”²³.

No decorrer das suas análises Morgan foi aprofundando suas pesquisas etnológicas, chegando a publicar em 1857, uma série de estudos sobre as “leis de descendência dos iroqueses”, no qual analisou as regras de filiação, que se constituíam de forma “matrilinear”, não existindo diferenciação entre os descendentes diretos e os colaterais, fato que chamou atenção do autor e serviu de ponto de relevância para seu trabalho seguinte: “Sistemas de Consanguinidade e Afinidade da Família Humana”.

O ponto de partida foi fundamental para o início das pesquisas de Morgan, que culminaram na obra: *Systems of Consanguinity and Affinity in the Human Family* (1871)²⁴, mas a investigação em si, iniciou em 1858 e a redação da primeira versão somente ocorreu em 1865. Um dos motores da pesquisa e que deu origem a investigação foi alguns dados que Morgan recebeu de um missionário vindo da Índia, no qual observou uma similaridade entre alguns pontos apresentados entre os Tamil, Ojibwa e os próprios Iroqueses. Dentre estes aspectos o que chamou a atenção do autor foi o de ter constatado que apesar de alguns povos adotarem uma linha paterna de descendência, os mesmos também não faziam distinção aos descendentes colaterais e diretos, sendo o filho do irmão biológico (que seria classificado em nossa sociedade, como sobrinho) tratado como próprio filho. Esta observação estimulou Morgan a ampliar a pesquisa e o mesmo elaborou uma série de questionários que foram enviados à Índia ao restante da Ásia, América do Sul e Oceania.

Após o recolhimento destes questionários e análises críticas, chegou-se a uma vasta quantidade de observações e Morgan pode delinear seu estudo do parentesco;

²³ ALMEIDA, Mauro W.B. *op.cit.*, p.309-310.

²⁴ A obra é datada oficialmente de 1871, embora existissem duas versões da mesma; uma finalizada em 1865 e outra em 1871, a última contempla determinadas correções e a inclusão de um último capítulo. A questão de duas versões suscita ainda hoje debates no meio acadêmico sobre a teoria e herança antropológicas esboçadas por meio dela. Não vamos no ater tanto aos detalhes da mesma, para ver com maior profundidade: *Id.Ibid.* p.309-322.

bem como a existência de sistemas classificatórios e descritivos no gênero humano, constituindo o primeiro, típico de uma sociedade na qual as relações de parentesco ainda estão sob a égide do elo social e representam uma proteção mútua do grupo ante as dificuldades impostas pelo meio e a segunda apenas desenvolvendo-se atrelada a “idéia” de uma herança de um patrimônio territorial (surgindo, portanto, para resguardar um direito). Esta alteração é uma das partes fundamentais do pensamento de Morgan, como citou Almeida:

Como exemplo de sistema classificatório Morgan cita o caso da sociedade tâmil, “*where my brother`s son and my cousin`s son are both my sons*”. Essa forma de consanguinidade, diz Morgan, teria um propósito útil ao aproximar “o laço de parentesco”, isto é, ao ampliar o número de pessoas tratadas como “filhos”. Contudo, diz Morgan, “no sentido civilizado seria manifestamente injusto colocar qualquer destes filhos colaterais em pé de igualdade com meu próprio filho para a herança de meu patrimônio (*estate*)”.²⁵

Corroborando com isto, a referida tese desenvolvida por Morgan tornou-se uma das partes integrantes para os estudos seguintes na Antropologia dos sistemas políticos de sociedades sem estado, desenvolvidos a *posteriori*, pela escola britânica. Estas observações possibilitaram a abertura de um novo método investigativo, que se baseava na análise comparativa dos sistemas de consanguinidade e afinidade. Este livro representou para trajetória de Morgan uma grande gama de elementos e dados investigativos, bem como uma análise vasta e científica dos graus de parentesco ao redor do mundo além da adoção de um método comparativo quando o autor chegou a analisar os povos da antiguidade clássica.

O estudo das relações de parentesco expressos nesta obra de Morgan, obtiveram importância para suas investigações posteriores, mais amplas, como atestou Friedrich Engels:

Morgan publicou os dados coligidos e as conclusões que deles tirou em seu Sistema de Consanguinidade e Afinidade da Família Humana, em 1871, levando, assim, a discussão para um campo infinitamente mais amplo. Tomou como ponto de partida os sistemas de parentesco e, reconstituindo as formas de família a eles correspondentes, abriu novos caminhos à investigação e criou a possibilidade de se ver muito mais longe na pré-história da humanidade.²⁶

²⁵ *Id.Ibid.* p.314.

²⁶ ENGELS, Friedrich. *op.cit.*, p.18.

Estes estudos também foram elencados com grande relevância para a Antropologia social, conquistando inclusive o reconhecimento posterior, do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss²⁷, o qual, identificou elementos estruturalistas nesta obra. O também antropólogo gaulês Jean Copans destacou a contribuição de Morgan para o campo antropológico: “O primeiro contributo de Morgan consiste em demonstrar a importância decisiva das relações de parentesco em determinado estadió das sociedades humanas”²⁸.

Morgan manteve correspondências pelo globo, ampliando cada vez mais seus contatos e discussões científicas, neste período (década de 1870) durante suas viagens pela Europa conheceu o naturalista Charles Darwin, o biólogo Thomas Huxley, John McLennan e os antropólogos John Lubbock, Henry Maine e correspondeu com J. Johann Bachofen, o que representou um enriquecimento teórico e proporcionou maior amplitude para suas obras. Sua instigação pela ciência e pesquisa pode ser observada em diversos campos, por exemplo, nos seus estudos sobre os hábitos dos castores americanos, os quais foram publicados em 1868, sob o nome de *The American Beaver and his Works*, trabalho este citado também por Charles Darwin²⁹.

As investigações do autor foram aprofundadas ao longo de seus estudos e contatos, atingindo seu ápice com a publicação de *Ancient Society* em 1877, no qual o autor esboçou uma teoria geral da transição histórica; nesta, o mesmo, analisou as diferentes etapas da experiência humana na Terra, dentro de uma perspectiva de aperfeiçoamento. Seus estudos apontavam para um desenvolvimento humano no

²⁷ Lévi-Strauss dedicou sua obra *Estruturas elementares do Parentesco* à memória de Lewis Morgan, fazendo um desdobramento de pressupostos levantados por Morgan sob uma óptica estruturalista; no prefácio da primeira edição declarou: “[...] Ao dedicar nosso trabalho à memória de Lewis H. Morgan, fomos guiados por um triplice objetivo: prestar homenagem ao grande iniciador de uma ordem de pesquisas em que, seguindo suas pegadas, modestamente nos empenhamos; inclinar-nos através dele, diante dessa escola antropológica norte-americana que fundou e durante quatro anos nos associou tão fraternalmente a seus trabalhos e debates; e também talvez tentar devolver-lhe em pequena extensão o serviço que lhe devemos, lembrando que essa extensão foi sobretudo grande numa época em que o escrúpulo científico e a exatidão da observação não lhe pareciam incompatíveis com um pensamento que não se envergonhava de se confessar teórico, e com um gosto filosófico audacioso”. LÉVI-STRAUSS, Claude. Prefácio da primeira edição. In: *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1976. p.22-23.

²⁸ COPANS, Jean. *op.cit.*, p.26.

²⁹ Este estudo sobre os hábitos dos castores por Morgan foram referenciados por Darwin; houvera também outra publicação do antropólogo intitulado *A Conjectural Solution of the Origin of the Classificatory System of Relationship*, também citada por Darwin em sua obra *Descent of Man*. GODELIER, Maurice. *op.cit.*, p.223-231; ALMEIDA, Mauro W.B. *op.cit.*, p.311.320.

sentido de que o homem progrediu da selvageria à barbárie e posteriormente da barbárie ao estágio civilizado. Cada etapa foi caracterizada por determinados “períodos étnicos”, estes consistiram em modo organizativo do estudo de Morgan, com o qual delineou o processo de desenvolvimento dos homens, traçando por meio de um método comparativo os diferentes estágios entre os povos da humanidade.

Esta divisão, portanto, consistiu na fragmentação em distintos períodos étnicos (Selvagem, Bárbaro e Civilizado) sendo cada um deles compreendidos por subperíodos (Antigo, Médio e Recente), correlacionando-os com determinados avanços econômicos e intelectuais (invenções e descobertas), estas relações de necessidade dos homens com a natureza possibilitaram condições de um desenvolvimento. Corroborando para uma análise progressiva da história da humanidade da família e conseqüentemente da propriedade.

Este progresso alcançado pelo homem, para o autor está relacionado com o desenvolvimento de suas invenções e descobertas. Por meio das quais sucederam às transformações na sociedade. A base, que sustentou sua análise, é pleiteada pela pesquisa a campo, analisando as tribos Iroquesas e outras pelos Estados Unidos junto a vasta documentação que havia coletado e analisado anteriormente. Morgan por meio de um “método comparativo”, percebeu a semelhança da organização destas para com as antigas sociedades, por exemplo: gregas e romanas (analisando para estas os textos clássicos). Seu método de análise consistiu, segundo Lawrence Krader:

[...] simplemente en proyectar el presente sobre la retícula del pasado. El material etnográfico que él mismo había comprobado en sus investigaciones sobre los iroqueses y que había reunido en sus viajes al Oeste americano, los informes que le habían enviado etnógrafos de Australia, misioneros y jueces de los territorios ingleses en Hawai y Nuevo México, compusieron una imagen a la que las sociedades primitivas del pasado podían o debían haberse asemejado. A esto añadió los resultados de sus estudios sobre la historia de la conquista de México por los españoles en siglo XVI y sus estudios sobre la civilización de los griegos y romanos, además de los pueblos bíblicos. El presente vivo le sirvió de modelo para el pasado vivo de los pueblos que de acuerdo con su esquema ya habían alcanzado un nivel superior.³⁰

³⁰ “[...] simplesmente em projetar o presente sobre a retícula do passado. O material etnográfico que o mesmo havia comprovado em suas investigações sobre os iroqueses e que havia reunido em suas viagens ao oeste americano, os relatórios enviados por etnografos da Australia, missioneiros e juizes dos territórios ingleses no Hawai e Novo México, comporam uma imagem de que as sociedades primitivas do passado podiam ou deviam ter-se assemelhado. A isto acrescentou os resultados de seus estudos sobre a história da conquista do México por espanhóis no século XVI e seus estudos sobre a civilização dos gregos e romanos, além dos povos biblicos. O presente vivo serviu-lhe de modelo para o passado vivo

Tendo em vista este cerne totalizante da história humana juntamente com uma leitura progressiva da obra de Morgan, há possibilidade de relativização de seus estudos como integrante de uma “escola evolucionista”. No entanto, se partirmos por esta análise, temos uma brusca alteração no pensamento do autor, a qual Emmanuel Terray alerta:

Assim Morgan, estruturalista em 1871, teria se tornado evolucionista em 1877. Mutações tão bruscas são raras na história das idéias [...] Só um exame atento da obra condenada nos permitirá decidir se o pensamento de Morgan traz as marcas da incoerência de que é acusado.³¹

Logo, é necessário analisar a obra referida de Morgan, levando em consideração a conjuntura em que ela foi escrita, como expressou o antropólogo Paul Mercier: “[...] os progressos da Antropologia, os conceitos e teorias, em qualquer período, devem ser encaradas em função do contexto global em que foram elaboradas”³². Além de toda a situação econômico-social e o contexto científico que permeou a obra, devemos nos ater ao próprio corpo do texto e aos desdobramentos das suas concepções teóricas, tanto as que tangem à uma leitura diacrônica quanto aos fatores que ocorrem sincrônica³³.

1.2 - A SOCIEDADE PRIMITIVA DE LEWIS MORGAN

A obra de Morgan está inserida em um contexto do século XIX, é possível desta forma encontrar vestígios ou influxos evolucionistas em diversas passagens dos seus textos, no entanto, o sistema e a organização dos pontos que Morgan investiga e expressa são muito mais complexos e correspondem a uma série de relações distintas.

dos povos que de acordo com seu esquema já haviam alcançado um nível superior”. KRADER, Lawrence. *op.cit.*, p.26.

³¹ TERRAY, Emmanuel. *op.cit.*, p.18-19.

³² MERCIER, Paul. História da Antropologia. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.p.15

³³ Para compreensão da diacronia e da sincronia, utilizamos o estudo do linguista francês Ferdinand Saussure, o qual traçou um eixo das simultaneidades (horizontal) e outro das sucessões (vertical). No eixo horizontal as relações entre diferentes elementos podem coexistir já no vertical só pode-se considerar uma determinada coisa por vez, ainda que este englobe todos os elementos do eixo horizontal e seus desenvolvimentos internos. O autor ainda complementaria “É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático; [...] diacrônico tudo que diz respeito às evoluções”. No que tange ao estudo que faremos da obra de Morgan a análise diacrônica possibilita entender as progressões de estágios distintos aliados à uma investigação sincrônica que permite entender como funciona a complexa sistemática proposta pelo autor. SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Editora Cultrix LTDA,1995.p.95-96.

O autor estruturou as investigações presentes na *Sociedade Primitiva*, iniciando pelas características presente no desenvolvimento da inteligência humana por meio das invenções e descobertas; seguindo com os progressos concernentes às “idéias” de governo; família e propriedade. Elementos estes que compõe em uma relação direta um determinado período étnico.

Para Morgan, o Homem é um ser em constante mudança ao longo do tempo, incluso todas suas características, biológicas, culturais e sociais, com um caráter expressamente evolutivo. Para organizar sua análise Morgan traçou uma divisão organizativa para compreender a humanidade em diversos períodos étnicos estes progredindo em diferentes estágios, da selvageria passando pela barbárie até chegar ao estado civilizado; os dois primeiros foram focos do seu estudo e sendo compreendidos em subperíodos: inferior; médio; recente. Como expressou o antropólogo:

As investigações mais recentes sobre a condição primitiva da raça humana tendem a demonstrar que a humanidade iniciou a sua carreira no ponto mais baixo da escala, abrindo caminho, do estado selvagem até à civilização, através da lenta acumulação do saber empírico. Assim como é inegável que uma parte da família humana viveu no estado selvagem, outra no estado de barbárie e outra ainda no estado civilizado, do mesmo modo é inegável a existência de uma progressão natural e necessária, ligando entre si estes três estados distintos.³⁴

O Autor expressou que o *limes* entre um estágio/subperíodo e outro é ultrapassado por meio dos descobrimentos e inventos tecnológicos³⁵ ao longo do tempo; Morgan segue esboçando, cada estágio contém o germe potencial do posterior:

As invenções e as descobertas estão em directa relação com o progresso da humanidade, assinalando a sua marcha por uma série de etapas sucessivas, ao passo que as instituições sociais e civis, dada a sua relação com as necessidades permanentes do homem, se desenvolveram a partir de alguns germes originais de pensamento.³⁶

³⁴ MORGAN, Lewis H. *op.cit.*, p. 13.

³⁵ Em sua organização Morgan expressou que este é o modo mais lógico de delimitação. As descobertas e invenções que ultrapassam os limites do estágio selvagem (inferior, médio, recente) foram respectivamente: utilização do peixe como fonte de subsistência e utilização do cobre; invenção do arco e flecha; invenção da cerâmica. E respectivamente o da barbárie (inferior, médio, recente): No hemisfério ocidental a cultura do milho e vegetais por meio da irrigação e no hemisfério oriental a domesticação dos animais; invenção dos processos de fusão do minério de Ferro; invenção do alfabeto fonético e escrita em obras literárias. *Id. Ibid.* p. 20 - 24.

³⁶ *Id. Ibid.* p. 8.

Partindo por esta análise, Morgan mantém-se em coerência com o sistema evolutivo natural proposto por Darwin; a humanidade não constitui portanto um “reino a parte” idealizado, mas sim está presente dentro da grande história natural, reagindo em relação com a natureza. O homem está inserido dentro do Reino Animal e mantém uma relação de continuidade com este, apenas se distanciou deste na medida em que suas interferências e apropriações do meio natural permitiram desenvolvimentos seguintes:

Com o aparecimento das invenções e das descobertas, e o progresso das instituições, o espírito humano desenvolveu-se e desabrochou necessariamente. Somos assim levados a admitir um aumento do volume da massa encefálica, particularmente da sua parte cerebral.³⁷

Corroborando com isto, o autor demonstrou uma tese histórica, de que a urdidura da humanidade está compreendida dentro da grande história natural, e está submetida portanto aos mesmos mecanismos e leis da mesma; se para o historiador o Homem adquire o papel de protagonista da história para Morgan o mesmo é um objeto do processo histórico. Os acontecimentos que foram sucedendo-se na medida em que ocorria o progresso humano se concretizaram em “traços materiais” que foram solidificados nos usos e costumes e por sua vez, resguardados nas invenções. A história tal qual concebida pelos historiadores, entendida como factual é apenas a aparência de todo um processo que em essência é regido pela evolução.³⁸

Ainda demonstrando uma similaridade evolutiva em Morgan, sabe-se que para Darwin o agente da evolução, é a seleção natural, e por meio dela ocorrem as variações entre as distintas espécies, o mesmo ocorreria com Morgan, pois é devido ao progresso exitoso nos modos de subsistência que a humanidade ascende a posições melhores e por sua vez mais vantajosas em relação a outras.

De fato podemos considerar as correspondências dos dois autores, a ponto de até mesmo, inferir, segundo Terray:

[...] que o “gênio” de Morgan foi o de ter aplicado à evolução humana os conceitos elaborados por Darwin para dar conta da evolução natural. Na *Origem das Espécies*, Darwin construiu um modelo de evolução natural e da

³⁷ *Id. Ibid.* p. 51.

³⁸ TERRAY, Emmanuel, *op.cit.*, p. 24.

luta pela vida; e Morgan não teria feito senão transferir este modelo para o domínio da história.³⁹

No entanto, consta como uma das leituras que pode-se fazer. A crítica contra Morgan, como expressou Lowie, referiu-se que o autor d' *A Sociedade Primitiva* elaborou uma teoria linear, evolucionista, com falta de documentos comprobatórios (que por vezes suscitaram ao mesmo fazer especulações sem dados empíricos, propriamente ditos), no entanto, o objetivo de Morgan não é escrever a história da humanidade mas sim, como alertou Terray: “elaborar um sistema de conceitos que permita pensá-la cientificamente”.⁴⁰ Daí a premência de ir ao cerne de todo processo, compreendendo a essência do movimento, considerando uma análise tanto diacrônica da sistemática como à sincrônica, que compreende os fatores que ocorrem no mesmo tempo.

Morgan iniciou o pensamento distinguindo a história das invenções e artes de subsistência da história das instituições; as primeiras com seus progressos por acumulação e as segundas compreendem: governo; família; propriedade, todos com o desenvolvimento de uma “idéia” determinada que tem seu progresso por meio de germes originais do pensamento. Cabe ressaltar que o mesmo não estuda as instituições propriamente dito, mas a “idéia” da constituição das mesmas, como observou Terray:

Os termos “idéia”, “germe do pensamento” devem nos advertir: o que Morgan estuda não são o governo, a família e a propriedade em sua existência empírica, nas suas manifestações históricas, mas o crescimento orgânico de “idéias” que passam por várias “formas” sucessivas cuja série constitui uma “sequencia” de progresso.⁴¹

Portanto na análise do autor, há uma distinção, por um lado, entre as “formas” de governo, família, propriedade, tal como se dão na realidade sob a óptica do etnólogo; e do outro das sequências de desenvolvimento da “idéia” de governo, família e propriedade.

No que tange à investigação das distintas formas e portanto suas manifestações, empíricamente observáveis; fez-se necessário estudá-las nos locais,

³⁹ *Id. Ibid.* p.28–29.

⁴⁰ *Id. Ibid.* p.34.

⁴¹ *Id. Ibid.* p.34.

nos quais não houvera interferência direta ou seja, onde estes aspectos puderam desenvolver-se livremente, daí o autor ter buscado nos Iroqueses a fundamentação do sistema gentílico; pois o desenvolvimento pleno de uma determinada forma tende ocorrer quando esta queda-se isolada (protegida de influências externas) e implicando nestas sociedades não uma estagnação mas um ritmo de progresso muito lento. Portanto, o estudo da manifestação das formas “isoladas”, logo com um desenvolvimento “puro” ou o mais homogêneo possível tornou-se premente para compreensão das mesmas. Como sublinhou Morgan:

Podemos estudar com êxito este tipo de organização, tanto no seu aspecto actual como nas suas diversas formas históricas, em grande numero de tribos e raças. É preferível começar esta análise pelo estudo da gens na sua forma arcaica e seguir-lhe as sucessivas modificações entre os povos mais avançados, a fim de descobrir as transformações por que passou e as causas. Começaremos então pelo estudo da gens tal como ela existe actualmente entre os aborígenes da América, onde conservou a sua forma primitiva e onde é mais fácil de observar a sua estrutura teórica e funcionamento prático do que no caso das gens históricas dos gregos e romanos.⁴²

Ficou exposto, portanto que Morgan tem por objetivo estudar nos Iroqueses não propriamente suas instituições mas averiguar por meio delas a transição em sua teoria da história utilizando-os como exemplo para compreender estas “idéias” de modo mais claro possível. A mesma metodologia esteve presente quando o mesmo estudou as “formas”, estas possuindo tanto um sentido empírico observável (cunho prático) quando a uma regra determinada (teórica).

Nos Iroqueses Morgan observou uma organização compreendida no grupo e verificou semelhança com as antigas gens dos textos da antiguidade clássica. O sistema gentílico, para Morgan constituiu a base fundamental a partir da qual organizou-se o sistema social e governamental da sociedade barbarica, suas relações ligavam os individuos entre si em gens, fratrias, tribos, as duas últimas desdobramentos que teriam surgido como meios de manter coesão visto o crescimento demográfico de um determinado grupo. Morgan observou a universalidade da gens, entre as difentes familias humanas:

Gens em latim, *genos* em grego e *ganas* em sânscrito têm o mesmo significado original: o de parentesco. Têm a mesma raíz que *gigno*, *gignomai* e *ganamai*

⁴² MORGAN, Lewis H. *op.cit.*, p. 82.

que, nestas línguas, significam engendrar; implicam assim, em cada uma delas, a ideia de uma filiação imediata e comum aos membros de uma gens. Uma gens é portanto um conjunto de consanguíneos, descendendo de um antepassado comum, distinguindo-se pelo nome da sua gens e unidos por laços de sangue.⁴³

A gens, instituição fundada sob o parentesco, possibilitou um caráter de coesão na organização social, ainda que fora composta somente pela metade dos descendentes (de uma determinada família); tendo em vista que ao longo do tempo houvera a proibição de casamentos em um mesmo grupo, devido as desvantagens biológicas verificadas pelo “casamento consanguíneo”. Esta proibição do matrimônio em uma mesma gens ocorreu por meio de observação e a seleção natural seria o agente do processo, e esta exclusão de casamentos, (que por sua vez, passaram a ocorrer obrigatoriamente em gens distintas) acarretou segundo Morgan, no aumento do “vigor da raça”.⁴⁴

Alguns fatores contribuíram para elaboração das hipóteses do autor, nesta lógica, a base para constituição da gens foi atribuída a três fatores: aos laços de parentesco; Em segundo lugar à adoção de uma linearidade (matrilinearidade ou patrilinearidade) para definição de afinidade em um grupo, estipulando portanto, os descendentes colaterais e diretos⁴⁵; e por fim, a proibição de casamentos em um mesmo grupo. Segundo Morgan a origem da gens, está explicitamente ligada com o desenvolvimento das diferentes “formas” de família. A humanidade iniciou seu caminho pela história compondo um bando promíscuo, forma que desenvolveu-se ao longo do

⁴³ *Id.Ibid.p.80.*

⁴⁴ *Id.Ibid.p.86.*

⁴⁵ De início a linearidade fora constituída pelo elo materno, visto que anteriormente, somente fora possível atribuir com certeza a maternidade aos filhos, tendo em vista a família com relações em um grupo amplo. Posteriormente, devido a crescente proibição de matrimônios na família (o que acarretou sua diminuição) a linearidade passou a constituir-se patrilinearmente. “[...] Era a ascendência materna que constituía o laço fundamental de parentesco. Numa gens antiga apenas existia a filiação matrilinear. Compreendia todos os descendentes de uma mulher, tida como a antepassada comum, o que era atestado pelo facto de todos usarem o mesmo nome gentílico. A gens compreendia por conseguinte esta antepassada e seus filhos, os filhos das suas filhas, os filhos das mulheres que dela descendiam, em linha feminina, e assim por diante; enquanto que os filhos dos seus filhos e os filhos dos seus descendentes varões, em linha masculina, pertenciam a outras gens, ou seja, às das suas respectivas mães. Assim era a gens na sua forma arcaica, quando a paternidade não podia ser estabelecida com precisão e a ascendência materna constituía o único critério seguro de filiação”. *Id.Ibid.p.84-85.*

tempo, em função de necessidades e problemas, com os quais a humanidade se deparou.⁴⁶

Apesar destas distintas formas possuírem uma determinada sucessão, a análise não deve ater-se à linearidade. Morgan observou que na passagem de uma forma à outra existem possibilidades para “itinerários” distintos.⁴⁷ O próprio estudo da sucessão das formas em Morgan não significa a investigação dos acontecimentos históricos, o que o autor buscou delimitar é a lógica inerente a passagem de uma forma à outra e qual seria a coerência implícita a este sistema. Morgan portanto, construiu hipóteses para dar conta dos fatos, mas não necessariamente se atenha aos últimos.

Para compreender de modo mais complexo a teoria da história que o autor esboçou, é necessário evidenciar que o mesmo defendeu uma unidade do gênero humano, a qual ele explicitou por uma coesão em essência (o que denominou de “espírito humano”) dos distintos grupos:

[...] as principais instituições da humanidade se desenvolveram a partir de alguns germes elementares do pensamento e que, dada a lógica natural do espírito humano e a inevitável limitação do seu poder, o curso e o modo de desenvolvimento destas instituições estavam pré-determinados e não podiam variar senão dentro de estreitos limites. Constatamos assim que o progresso foi essencialmente o mesmo nas tribos e nações em igual estágio de desenvolvimento, embora vivendo em continentes diferentes e separadas umas das outras; os desvios que é possível observar em certos casos particulares são devidos a causas particulares. A generalização deste argumento leva-nos a concluir a unidade de origem do gênero humano.⁴⁸

Este espírito humano, do qual trata Morgan evidencia a experiência humana na terra, esta produzida na interação de três elementos: as necessidades primárias do homem; os germes primários do pensamento e a lógica natural. Sob as necessidades do homem trabalham os germes do pensamento guiados pela lógica natural, esta funde e garante a unidade, devido à identidade no espaço e a permanência no tempo. O

⁴⁶ Não vamos nos ater com profundidade nas distintas formas de família em suas características, no entanto, na medida em que for necessário expressar mais detalhadamente o faremos. Em linhas gerais as formas de família que Morgan expressou foram respectivamente: a consanguínea; punaluana; sindiástica; patriarcal e monogâmica, não necessariamente desenvolvendo-se nesta ordem. *Id.Ibid.*p.40-41.

⁴⁷ Como por exemplo, no caso do sistema consanguíneo que nos aborígenes australianos na forma do sistema de classes e na família punaluana dos havaianos chegam, ambos à organização gentílica. TERRAY, Emmanuel. *op.cit.*, p. 38.

⁴⁸ MORGAN, Lewis H. *op.cit.*, p. 30.

resultado destes processos são materializados nos inventos e nas instituições. Apesar do esboço de sua teoria Morgan, não recaiu em um simples “idealismo”, pois “o espírito não é senão um instrumento cujo uso é determinado pelos problemas que lhe são colocados, pela matéria-prima que ele trata, matéria já organizada”⁴⁹. O espírito humano foi utilizado por Morgan para afirmar um *continuum* da história, não possuindo função organizacional ou produtiva; ao adotá-lo Morgan possibilitou o estudo de uma teoria unitária da história.

Os elementos que encontram-se no cerne da sistemática proposta por Morgan, e que portanto, possibilitam a leitura multilinear de desenvolvimento, levando-se em conta a sincrônica e diacrônica estão implícitos em cada período étnico; estes que podem ser definidos, segundo Terray, por um “conjunto das etapas atingidas pelo desenvolvimento da sociedade nas diferentes esferas da vida social”.⁵⁰

Morgan distinguiu as esferas encerradas em um período étnico, delimitando aquela referente às invenções e descobertas (tecnologias) daquelas que representam as instituições (artes de subsistência; governo; família; propriedade⁵¹). Logo um determinado período étnico compreende um “estado técnico” e uma forma de subsistência, governo, família e propriedade. Estas esferas interagem entre si por meio de três tipos de junções: as relações de compatibilidade, de função e de expressão.

Nas interações entre as esferas há necessariamente a relação das formas que encontram-se compreendidas em seu interior. Estas relações ocorrem de modo coerente com as demais esferas. As primeiras relações são as de compatibilidade e de incompatibilidade, que autorizam ou negam determinadas coexistências e estabelecem parâmetros e ordenamentos entre as esferas.

Para a realização de uma forma em uma determinada esfera há implicitamente a exclusão de qualquer elemento contraditório no seio desta, como também nas demais, ou seja, seria negado qualquer condição de contradição seja no interior da

⁴⁹ TERRAY, Emmanuel. *op.cit.*, p. 50.

⁵⁰ *Id. Ibid.* p.52.

⁵¹ Morgan elucidou que além das instituições citadas anteriormente, existem as esferas correspondentes à linguagem, religião, arquitetura e vida doméstica, estas foram expostas de modo muito sumário não representando relevância em seu sistema. MORGAN, Lewis H. *op.cit.*, p. 14 – 17.

mesma esfera ou nas esferas vizinhas. Utilizando a expressão de Morgan, como exemplo:

Numa nação dotada de instituições gentílicas e composta por gens, fratrias e tribos, organizadas como corpos autônomos e independentes, o povo era necessariamente livre. Um governo monárquico e a soberania hereditária de um rei isento de responsabilidades directas eram incompatíveis com as instituições de uma tal sociedade e portanto simplesmente impossíveis.⁵²

As relações de compatibilidade portanto, podem impossibilitar ou permitir determinadas coexistências entre as formas nas distintas esferas; apesar de um caráter delimitador, esta relação não exclui de todo contradições, apenas não permite que tornem-se hegemônicas dentro de um todo orgânico.

Encerradas nestas há ainda as relações funcionais que tem por objetivo atender as necessidades sociais permanentes que seguem no curso da humanidade; operam pelos limites instituídos pela relação predecessora; cada esfera possui em seu interior estas relações que tendem a atender as necessidades e proporcionar em conjunto coesão social, a exemplo podemos citar a criação da tribo como meio de manter as relações de parentesco em um grupo com um número cada vez maior de pessoas, em um espaço geográfico estendido; deste modo as gens e fratrias passaram a ter uma necessidade maior de cooperação e segurança e a criação da tribo assim sanou.⁵³

Por fim, as relações de expressão possuem uma função de elo de legitimação, toda forma é acompanhada de um discurso que a exprime, cabe a esta relação ligar as diferentes esferas em um todo coeso e orgânico (como exemplo, as leis e sua aplicabilidade junto a sociedade) em conjunto com as demais relações.

Ocorre assim um ordenamento entre as distintas relações, as que mediam a compatibilidade com um dispositivo determinante; as funcionais dependentes da primeira e por meio dela exercendo papel de dominância; e as de expressão com ação de legitimar o reflexo de uma forma às demais. Para compreendermos o todo do período

⁵² MORGAN, Lewis H. *op.cit.*, p. 296.

⁵³ "[...] Quando em razão do crescimento demográfico, os meios de subsistência se tornavam insuficientes, a população excedentária emigrava para uma nova região [...] fundando uma nova aldeia. O fenômeno reproduzia-se a intervalos regulares, surgindo constantemente novas aldeias aparentemente independentes e autônomas, [...] na realidade formavam uma liga ou uma confederação com o fim de assegurar a defesa mútua". *Id.Ibid.* p. 127 - 128.

étnico é necessário atribuir uma organização e a função das esferas encerradas nele. Morgan atribui importância principal e determinância a esfera das “artes de subsistência; como sublinhou, a evolução desta:

[...] ilustra, de uma maneira muito significativa, este facto importante: a humanidade partiu do nível mais baixo, progredindo numa marcha ascendente. Toda a questão da supremacia da raça humana na terra dependia da sua habilidade neste campo. Os seres humanos foram os únicos que conseguiram dominar totalmente a produção alimentar, ainda que, de início, não manifestassem a este respeito qualquer superioridade sobre os restantes animais. Se não tivesse alargado o conjunto das suas técnicas, o homem não teria podido aventurar-se em novas regiões, onde não existiam os alimentos a que estava habituado, nem teria podido espalhar-se em seguida por toda a superfície da terra. Por ultimo, se não tivesse conseguido dominar inteiramente a variedade e quantidade dos produtos alimentares, nunca teria podido multiplicar-se e constituir nações populosas. É portanto provavel que as grandes épocas de progresso da humanidade tenham coincidido mais ou menos com a multiplicação das fontes de subsistência.⁵⁴

Logo, é na alimentação e nos seus progressos que destaca-se o movimento desta sistemática; pois a mesma constitui-se como uma necessidade primária do homem, a supervivência tem por característica determinar todo do conjunto do período étnico, estabelecendo e delimitando as fronteiras dentro do grupamento; a partir dela é balizado o tamanho de uma comunidade determinada. O destaque desta esfera foi observada no curso da humanidade e nas transições que ocorreram a partir do seu êxito e que possibilitaram passagens entre os períodos étnicos, ou em outras palavras, estabelecerem “revoluções” como assinalou o arqueólogo australiano Vere Gordon Childe:

[...] no ultimo vigéssimo de sua história, o homem começou a controlar a Natureza, ou pelo menos conseguiu controlá-la cooperando com ela. [...] A primeira revolução que transformou a economia humana deu ao homem o controle sobre o abastecimento de sua alimentação. O homem começou a plantar, cultivar e aperfeiçoar, pela seleção, as ervas, raízes e arvores comestíveis. E conseguiu domesticar e colocar sob sua dependência certas espécies de animais, em troca do alimento, da proteção e da previsão que podia oferecer. Os dois passos estão intimamente relacionados.⁵⁵

Estas profundas alterações possibilitaram uma domínio do homem sob seu meio; progressão cultural; aumento populacional e melhores condições de

⁵⁴ *Id.Ibid.* p. 31.

⁵⁵ CHILDE, V. Gordon. A Revolução Neolítica. In: *A evolução cultural do homem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. p. 77.

sobreviveência, este controle sobre a alimentação foi essencial para o aperfeiçoamento das demais instituições, como assinalou Morgan:

Observando respectivamente o desenvolvimento do progresso humano, notaremos que durante [...] a fase superior <<da barbarie>> pela primeira vez na história da humanidade, aparecem as cidades rodeadas de aterros, mais tarde substituídos por muros de cantaria. Deu-se um grande passo em frente quando se pôs em prática esta idéia de rodear uma superfície bastante ampla, capaz de abrigar uma população numerosa, [...] a cidade implica a existência de uma agricultura estável e avançada, a posse de gado grosso e miúdo, de mercadorias em grandes quantidades e de bens imóveis.⁵⁶

Este todo orgânico funcionando de modo coerente, possibilitou ao grupo humano maiores chances de permanência em relação à natureza, fora necessário na trajetória humana adotar instituições que possibilitassem instrumentos com os quais enfrentaram os problemas. A determinância exercida pela esfera da supervivência em uma relação funcional, ou seja para resolver os problemas e atender as necessidades que aparecem na experiência humana, delegam a função de dominância em determinado momento a outra específica esfera (família; governo; propriedade).

Os problemas portanto, constituem o elo necessário para manter as instituições em correspondência e para a sobrevivência. Existem dificuldades mais prementes e que portanto demandam mais esforço; e outras de ordem menor que acabam subordinadas à primeira; A distribuição dos papéis dentre as esferas em uma relação que ocorre de modo sincrônico fora impulsionado pelos problemas concernentes à supervivência:

É na esfera da subsistência que os problemas são colocados, mas sua natureza varia: eles podem dizer respeito ao volume dos efeitos disponíveis, à organização da produção e da distribuição, às técnicas postas em ação, à repartição dos meios de trabalho e das riquezas. E a acuidade relativa destes problemas varia em função do grande desenvolvimento das artes de subsistência. É, portanto, este grau que decide a identidade do problema dominante.⁵⁷

Deste modo é por meio das resoluções subsistências (determinantes), que delega-se a função de dominância à outra esfera e por consequência à forma resoluta correspondente, tem por objetivo resolver outro problema, bem como implicitamente

⁵⁶ MORGAN, Lewis H. *op.cit.* p. 302.

⁵⁷ TERRAY, Emmanuel. *op.cit.*, p. 63.

manter a coesão do todo orgânico social; por exemplo, durante o período da selvageria com a escassez de alimentos e por conseguinte o baixo número de elementos de “propriedade” (que constituíam-se sobretudo, neste período de adornos pessoais ou instrumentos de caça) os homens haviam-se deparado diretamente com os problemas relacionados à própria sobrevivência, logo a necessidade de um grupo coeso e rigidamente de uma composição de um conjunto (devido a falta de víveres e a proteção), tencionou como dominante a esfera familiar, que tinha em sua resolução o objetivo de suprimir, os problemas, mantendo a coesão do todo social.

A seleção natural esteve mais “perceptível” no curso da humanidade, em momentos em que houve precariedade ou insuficiência de víveres; esta falta de elementos nutritivos tencionavam resoluções em curto prazo, caso contrario, o grupo estaria fadado ao desaparecimento. A partir do momento em que a humanidade passou a controlar de modo mais efetivo seus meios de vida (de produção), esta seleção natural, tonou-se menos perceptível, ainda que estivesse presente.

Com o aumento da produção social a constituição de novos elementos que passaram a permear a vida humana, houve um crescimento, dos objetivos relacionados à propriedade e a presença desta eclipsou, com o tempo, a relevância da seleção natural e passou a exercer maior predominio na sociedade, destaca Morgan:

A ideia de propriedade, finalmente, formou-se lentamente no espírito humano, mantendo-se embrionária e pouco desenvolvida durante períodos extremamente longos. Surgiu no período do estado selvagem, mas foi necessária toda a experiência adquirida durante este período e no seguinte, o da barbarie, para que o germe desta ideia se desenvolvesse e o espírito humano estivesse apto a submeter-se à influência e ao seu domínio.⁵⁸

Essa preponderância que a propriedade ganhou, ao longo do tempo na teoria de Morgan é um dos vetores principais para transição da sociedade baseada nas relações de parentesco para as relações baseadas no território; o acúmulo de propriedade fora o ponto chave para o início do estado civilizado. Este desenvolvimento das riquezas, por sua vez, afetou todas as outras esferas: no campo político, foi preponderante para a transição à civilização; bem como o crescimento das riquezas possibilitou (com o aumento de víveres e da demografia) o desenvolvimento das

⁵⁸ MORGAN, Lewis H. *op.cit.* p. 16.

idades, e atrelado a isto, as diferenças de interesses (processo de estratificação social, minoria ascendente com o acúmulo de riquezas) dos componentes da mesma, recorda Morgan: “A propriedade foi também responsável pela introdução progressiva do princípio aristocrático que está na origem do estabelecimento das classes privilegiadas”.⁵⁹

No campo familiar ela esteve presente na transição da linha materna à paterna e na mudança para a família monógama (constituída por um homem e uma mulher, coabitando um casa exclusiva) e no desejo de transmitir a herança diretamente aos filhos biológicos e não aos demais parentes gentílicos.

Por conseguinte, a execução de uma leitura não só diacrônica da obra, mas também sincrônica, compreendendo assim elementos que estão em continuidade na grande história natural (história do homem e seus desenvolvimentos estão compreendida nesta) como também de elementos que ocorrem ao mesmo tempo, e que necessariamente precisam de coesão para garantirem sucesso; possibilitam uma leitura mais rica na formulação de hipóteses.

O todo orgânico, o qual, constitui-se o período étnico, compreende um estado técnico e distintas esferas, estas dispõe de formas determinadas. As relações deste conjunto estão compreendidas dentro de obrigatórios vínculos (diferentes relações: de compatibilidade; funcionalidade; expressão) ligados a fatores de determinância, dominância e reflexão: a primeira é destacada sob a esfera das artes de subsistência, delimita ou exclui coexistências; enquanto a segunda coordena sob os auspícios da primeira o conjunto de organização social, podendo alterar-se ao longo do tempo, conforme as necessidades e problemas enfrentados pelo grupo humano. E a terceira com objetivos de legitimação do todo social.

Essa análise fora descrita por Terray, da seguinte maneira:

As artes de subsistência tem o monopólio da determinação; o grau de desenvolvimento que atingiram num período dado decide qual a esfera que

⁵⁹ *Id.Ibid.* v. 2. p. 76

exercerá a dominação durante o período considerado; por causalidade direta, causalidade limitada pela inércia própria do reflexo.⁶⁰

É possível, portanto, reconhecer determinados pontos da teoria de Morgan que foram vistos com semelhança por Marx e Engels, os quais longe de uma leitura evolucionista, reconheceram pontos precisos na teoria do antropólogo e a partir deles, o primeiro esboçou, os *Cadernos Etnográficos* e o segundo, com base no primeiro: *A Origem da Família, da Propriedade privada e do Estado*. Trataremos de delinear estas questões relacionadas às Sociedades Pré-capitalistas na sequência do trabalho.

⁶⁰ TERRAY, Emmanuel. *op.cit.* p., 69.

2 – KARL MARX E AS SOCIEDADES PRÉ-CAPITALISTAS

Antes de esboçarmos as elucidações investigativas de Karl Marx no campo etnológico e, por conseguinte de emprendermos de que maneira realizou-se a leitura da obra *Sociedade Primitiva* de Lewis Morgan; faz-se premente destacar o estudo de Karl Marx e Friedrich Engels em relação à história compreendendo o percurso teórico e seus métodos investigativos. Para tal os autores desenvolveram a concepção materialista da história cuja lógica interna, evidenciou-se por não partir de elementos metafísicos, mas de uma compreensão que abrange as relações de interação do homem com seu meio, bem como as relações sociais.

A análise elencou os conceitos desenvolvidos por Marx e Engels a respeito das formações sociais pré-capitalistas e de seus desdobramentos para uma óptica multilinear da história; bem como apontou os aspectos concernentes às questões teóricas dos autores aliada à reflexão conceitual exposta por Lawrence Krader, no que tange ao estudo da antropologia e história e dos aspectos relacionados à investigação do momento de transição de uma comunidade baseada nas relações de parentesco a uma sociedade composta por classes distintas.

Durante a trajetória acadêmica e dos estudos de Karl Marx e Friedrich Engels foi notória a preocupação dos mesmos no que tange à história, seja para corroborar com a lógica teórica que esboçaram ou mesmo por simples apreço por este campo de investigação. Para tal ambos os autores desenvolveram a teoria materialista da história.

O conhecimento dos autores nos idiomas grego e no latim, possibilitou um estudo mais efetivo da antiguidade clássica. Grande parte das observações foram possibilitadas por meio da análise de fontes greco-romanas, em sua maioria de cunho literário, político, e histórico; ainda que o material então disponível para as pesquisas no campo da história, no segundo quartel do século XIX, constituía-se escassamente.⁶¹

Não só o material relacionado à antiguidade clássica como também os concernentes à Ásia, no período citado, não possibilitavam análises mais profundas da

⁶¹ Como por exemplo, podemos destacar que as escavações do arqueólogo Heinrich Schliemann na zona correspondente à Tróia que ocorreu somente após 1870 e o primeiro volume das inscrições latinas: *Corpus Inscriptionum Latinarum* organizada pelo historiador alemão Theodor Mommsen apenas apareceu no ano de 1863. HOBBSAWM, Eric. Introdução. In: MARX, Karl. *Formações econômicas pré-capitalistas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.p.23-24.

antiguidade oriental; deste modo, não existem evidências de que antes, de 1848, Marx e Engels tenham investigado com profundidade a história destes povos, situação que alterou-se na década de 1850, quando Marx residiu na Inglaterra e portanto, entrou em contato com a situação político-econômica do extremo oriente, são os casos de Índia e China, como constam suas correspondências e seus artigos para o periódico *New-York Daily Tribune*; Engels por sua vez também dedicou-se a pesquisa do oriente, chegando inclusive a estudar a língua persa.⁶²

O interesse pelo estudo da história e o apreço pela investigação científica permeou os interesses dos autores até o fim da vida; como expressos em suas obras ou mesmo em seus borrões de estudo incompletos. Passaremos a analisar as concepções teóricas dos autores, as quais dão forma ao materialismo histórico, bem como o enriquecimento dos debates após a crítica à Lewis Morgan.

2.1 – KARL MARX E A CONCEPÇÃO MATERIALISTA DA HISTÓRIA

Karl Marx nasceu na província renana de Trier em 1818. Entrou para o liceu da localidade no ano de 1830 e em 1835 inscreveu-se no curso de direito da Universidade de Bonn, após dois semestres, a pedido de seu pai, transferiu-se para a Universidade de Berlim, cujas cadeiras eram compostas pelos mais destacados especialistas em jurisprudência.⁶³ Posteriormente, Marx seguiu seus estudos na universidade até o momento em que se deparou com a censura imposta pelo governo prussiano.⁶⁴

Neste período Marx também focou seus estudos no campo da filosofia e da história, expresso em sua tese de doutorado, intitulada: *Diferença da Filosofia da Natureza de Demócrito e de Epicuro*⁶⁵. Estes campos de estudo no estado prussiano eram fortemente influenciados pelas concepções hegelianas. Dotando de hegemonia

⁶² *Id. Ibid.*, p.24.

⁶³ FEDOSSEIEV, P. N. et al. *Karl Marx – biografia*. Lisboa: Edições Avante/Edições Progresso, 1983.p.21.

⁶⁴ Censura já imposta no ano de 1832 com a destituição de Bruno Bauer de sua cátedra de Bonn, fato que retirou qualquer possibilidade de ascensão por parte de Marx em um posto na faculdade. BOTTIGELLI, Émilie. *A gênese do socialismo científico*. Lisboa: Estampa, 1971. p.68.

⁶⁵ A referida tese fora fruto dos estudos empreendidos por Marx entre os anos de 1839 – 1841; sua proposta em linhas gerais fora demonstrar a contribuição dos filósofos atomistas gregos Demócrito e Epicuro para o desenvolvimento espiritual da humanidade. Não vamos nos ater a discussão filosófica proposta neste estudo; para maiores minúcias, consultar a obra: FEDOSSEIEV, P. N. et al. *op.cit.*, p.28 – 32.

no campo intelectual alemão estas noções filosóficas idealistas foram postas ante Marx, que as assimilou, mas que com o passar dos anos, no desenvolvimento de sua teoria materialista da história acabou por afastar-se.

Um dos componentes importantes para a constituição de uma teoria materialista da história foi o contato de Marx com as questões sociais, econômicas e políticas que permeavam o cenário da Prússia. Este convívio teve referência no início dos anos de 1840, mais precisamente em 1841, na cidade de Colônia, quando Marx tornou-se um dos principais colaboradores do periódico denominado *Gazeta Renana*, e deste modo entrou em contato com as problemáticas socioeconômicas, como expôs no prefácio de *Para a Crítica da Economia Política de 1859*:

[...] vi-me pela primeira vez em apuros por ter que tomar parte na discussão sobre os chamados interesses materiais. As deliberações do Parlamento renano sobre o roubo de madeira e parcelamento da propriedade fundiária, a polêmica oficial que o Sr. Von Schaper, então governador da província renana, abriu com a Gazeta Renana sobre a situação dos camponeses do vale do Mosela, e finalmente os debates sobre o livre comércio e proteção aduaneira, deram-me os primeiros motivos para ocupar-me de questões econômicas.⁶⁶

Marx como redator da *Gazeta Renana*, entrou em contato com as situações envolvendo os “interesses materiais”, as questões sociais e econômicas, o que colaborou em seus estudos *a posteriori*, pois devido a grande pressão política exercida por Frederico-Guilherme IV, optou por demitir-se deste jornal e se retirar aos gabinetes de estudo, portanto, seguindo sua atividade crítica por meio das investigações, como expressam os seus manuscritos redigidos no ano de 1844, postumamente intitulados *Para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*⁶⁷, nos quais empreendeu uma crítica ao idealismo hegeliano tomando como contribuição os

⁶⁶ MARX, Karl. Prefácio Para a Crítica da economia Política. In: *Karl Marx Manuscritos econômico filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultural, 1987, (Os Pensadores). p. 28.

⁶⁷ Estes manuscritos foram redigidos no ano de 1844, só foram publicados em 1927 na União Soviética dentro dos processos de organização e estudos da MEGA – *Marx e Engels Gesamtausgabe*. *Para Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* demonstrou a herança filosófica de Marx neste momento e a influência de Ludwig Feuerbach; a obra teve como questão central a relação entre Estado e Sociedade Civil, aos quais, Hegel compreendeu no sentido de que o estado encontrava-se em uma posição superior à sociedade civil a determinando; enquanto Marx defendeu o oposto, de que a sociedade civil, que, portanto era compreendida nesta época, como os interesses materiais e das relações sociais a ela ligadas era na verdade condição inicial ao estado. A grande questão prática desta discussão é que por meio dela aliada inicialmente a contribuição de Feuerbach, Marx iniciou seu deslocamento teórico de um idealismo hegeliano à um materialismo dialético. FEDOSSEIEV, P. N. et al. *op.cit.*, p.47 – 52.

estudos do filósofo alemão Ludwig Feuerbach. Por meio destes manuscritos Marx empreendeu não só uma crítica à filosofia de Hegel, bem como sua teoria começou a ganhar contornos materialistas.

Outro ponto de destaque na trajetória intelectual de Karl Marx foi sua estadia na França, localidade na qual contribuiu no periódico denominado *Anais Franco-Alemães*, iniciado em 1844; fora ainda na Gália que entrou em contato com o pensamento socialista utópico francês; bem como conheceu um grande parceiro em trabalhos posteriores: Friedrich Engels; este havia percorrido um percurso distinto, já estando em contato com a situação política, o movimento operário e com o pensamento econômico Inglês, em decorrência de sua estadia na fábrica em propriedade de seu pai, localizada na Inglaterra, experiência que se evidenciou em sua obra de 1845, denominada: *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, a qual o autor ressaltou de que constituiu-se em um esboço para um posterior aprofundamento; esta influenciou nos estudos posteriores de Marx, no sentido de lhe ter evidenciado a condição proletária a partir de um desenvolvimento histórico⁶⁸, justamente em um país em que o capitalismo encontrava-se em sua forma mais desenvolvida e demonstrando o papel da classe trabalhadora em um possível processo revolucionário.

Deste modo o pensamento de Marx, no período que compreende os anos de 1836 até 1845-1846, fora, portanto embebido de hegelianismo, mais precisamente daquele perpetuado pelos chamados jovens hegelianos⁶⁹ (Bruno Bauer; Edgard Bauer; Max Stirner; Karl Grün; Moses Hess e Ludwig Feuerbach), os quais Marx e Engels romperam de modo efetivo em sua trajetória teórica, após a elaboração dos manuscritos postumamente publicados e posteriormente intitulados d' *A Ideologia Alemã*. Sendo estes manuscritos um marco para o aprofundamento das premissas

⁶⁸ BOTTIGELLI, Émilie. *op.cit.*,p.160.

⁶⁹ Este termo refere-se aos jovens intelectuais que no meio acadêmico alemão, esboçaram o início de uma crítica à filosofia de Hegel. Também conhecidos sob alcunha de “hegelianos de esquerda”; originalmente este termo fora criado por David Strauss baseando-se na organização do parlamento Frances; surgiu após críticas à sua obra: *Vida de Jesus* de 1835. Este livro marcou uma profunda divisão entre os seguidores de Hegel, sendo em linhas gerais os da esquerda: a dissidência; e os da direita: adeptos da ortodoxia. Para uma distinção entre os ‘velhos’ e ‘jovens’ hegelianos, consultar a obra: BOTTIGELLI, Émilie. *A gênese do socialismo científico*. Lisboa: Estampa, 1971.

levantadas em seu período de juventude, este pode ser compreendido, segundo Étienne Balibar:

Do ponto de vista teórico, o período de juventude de Marx conduziu-o portanto da filosofia idealista alemã, de que a dialética hegeliana era a forma mais sistemática (mas também, como o mostrará mais tarde Lenine, a mais contraditória), ao materialismo <<crítico>> (sob a influência preponderante de Feuerbach), e depois ao materialismo histórico. Esse processo de transformação permitiu a combinação de <<três>> fontes heterogêneas: A filosofia alemã, o socialismo utópico (essencialmente francês e inglês) e, em certa medida já (pois seu uso sofrerá em Marx profundas transformações ulteriores), a economia política <<clássica>> inglesa.⁷⁰

A crítica presente na *Ideologia Alemã*, refere-se aos questionamentos de Marx e Engels aos jovens hegelianos, no sentido de que estes não observaram a coerência entre a filosofia e a realidade que era vivenciada na então Alemanha, olvidando de relacionar a crítica com seu próprio meio real de vida. Este combate a fraseologias e componentes do mundo idealista, o qual Marx atribuiu aos hegelianos de esquerda é também relacionado à Ludwig Feuerbach.⁷¹

Estes manuscritos representam um marco na concepção marxiana da história, pois se constituem como a primeira exposição sistemática do materialismo histórico. Este conceito de história que ainda estava em germe, foi desenvolvido no decorrer do pensamento de Marx e Engels e foi marcado por um aprofundamento e complexização dos pressupostos levantados nas suas obras e estudos precedentes.

Rompendo com os distintos idealistas, o conhecimento histórico, para Marx é fundado na realidade. Compreendendo as relações sociais a partir destas, o materialismo teve seu início com uma análise, a princípio, empírica de mundo, constatando existência de indivíduos humanos vivos e de que os homens em conjunto produzem suas condições materiais de vida, tanto a que foi legada pelos seus antepassados como as estabelecidas pela sua própria ação:

Os pressupostos de que partimos não são pressupostos arbitrários, dogmas, mas pressupostos reais, de que só se pode abstrair na imaginação. São os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas

⁷⁰ BALIBAR, Étienne. *Cinco estudos do materialismo histórico*. Lisboa: Ed. Presença, s.d.p.29-30.

⁷¹ Neste trabalho não será aprofundada a contribuição teórica dos Jovens Hegelianos ao desenvolvimento dos estudos marxianos, assim como as querelas teóricas entre eles, no entanto, para tal, consultar ao livro: MCLELLAN, David. *Marx y los jóvenes hegelianos*. Barcelona: Martínez Roca S.A, 1971.

por eles já encontradas como as produzidas por sua própria ação. Esses pressupostos são, portanto, constatáveis por via puramente empírica.⁷²

A produção deste modo ganhou ênfase nos estudos de Marx e Engels, inicialmente ela já distingue os homens dos demais animais, visto que os primeiros produzem seus meios de vida para a sobrevivência.⁷³ Ela é determinada por condições materiais precisas, como as delimitadas pelo meio natural, as condições físicas e das herdadas pelas gerações precedentes, sobretudo do modo de produção, ou seja, o modo pelo qual os homens manifestam a sua vida, que foi legado pelas gerações anteriores. Estes homens são caracterizados pelas relações que assumem dentro do processo produtivo:

O que eles são coincide, pois, com sua produção, tanto com o que produzem como também com o modo como produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção”.⁷⁴

A produção além de separar os homens das demais espécies (com o crescente acúmulo da vida material), carrega implicitamente duas premissas: o crescimento populacional e as relações entre os indivíduos:

Essa produção aparece, primeiramente com o aumento da população. Ela própria pressupõe, por sua vez, um intercâmbio [*Verkehr*] entre os indivíduos. A forma desse intercâmbio é, novamente, condicionada pela produção.⁷⁵

A realização produtiva ocorre por meio do trabalho, este, portanto, tornou-se a chave para compreender um determinado período histórico. Somado a isto a produção também se compõe por uma relação dupla: natural, pois é o intermédio da relação homem-natureza e social, pois sucede na relação cooperativa entre os homens, esta relação que inicialmente concentrou-se no âmbito familiar, mas com o aumento da

⁷² MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. São Paulo: Boitempo, 2012. p.86 – 87.

⁷³ Note-se a importância adquirida da produção na separação da espécie humana dos demais animais, o fato de produzir seus meios de sobrevivência conduzem esta divisão. Outrora, mais especificamente nos *Manuscritos Econômico-filosóficos de 1844*, Marx estabelecia que a diferença entre os homens das demais espécies residia no fato dos primeiros possuírem uma consciência implícita, o que atribuiu um caráter de excepcionalidade do homem em relação ao meio circundante. Esta concepção ainda embebida de hegelianismo alterou-se a partir d' *A Ideologia Alemã*, assumindo um contorno materialista. BOTTIGELLI, Émilie. *op.cit.*.p.174.

⁷⁴ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *op.cit.*, p. 87.

⁷⁵ *Id.Ibid.*.p.87.

população e conseqüentemente das necessidades ampliou-se, acarretando também em uma maior abrangência da divisão do trabalho.

Para que a organização social se desenvolva, há necessidade de uma divisão de trabalho, esta na medida em que a produção torna-se mais complexa, acaba por delimitar o papel do individuo na sociedade, bem como suas relações com os instrumentos de produção. Esta divisão do trabalho inicialmente ocorre no centro familiar, de modo natural, com as distinções por sexo; em seguida em decorrência aos aspectos físicos (força) e às necessidades.⁷⁶

A partir da divisão entre trabalho industrial e agrícola se estabelece o princípio de um antagonismo entre cidade e campo. Com o aumento das forças produtivas há uma tendência de maior complexidade na divisão do trabalho; logo, dentro deste processo o homem exerce cada vez funções mais específicas. Este conceito de divisão de trabalho atesta, segundo Bottigelli, uma nova concepção na trajetória de Karl Marx:

[...] a divisão de trabalho está directamente ligada às modificações que se operam na produção, resulta da actividade produtiva dos homens, da própria manifestação da sua vida, [...] que ao desempenhar o papel do destino cego ela está por sua vez, na origem de uma potência exterior ao homem, na origem da propriedade privada e das suas formas.⁷⁷

O que corrobora para uma análise não do individuo isolado, mas sim de todo contexto econômico-social, este desempenhando um papel essencial na história. Analisando a divisão do trabalho, Marx evidenciou ainda uma contradição fundamental nesse processo, relacionado à propriedade privada; Pois nesta conjuntura são distribuídos não somente os papéis no processo produtivo, mas também produtos que foram produzidos.

É a partir de uma divisão do trabalho que há possibilidade da origem de uma primeira divisão da sociedade em classes. Ressaltando que a partir da base material da vida dos homens que se chega à explicação das suas relações recíprocas. No entanto devemos mirar estas relações de modo mais complexo que simplesmente um desdobramento das relações materiais, Marx alertou que a existência material dos

⁷⁶ *Id.Ibid.* p. 35.

⁷⁷ BOTTIGELLI, Émilie. *op.cit.*, p.175.

homens é determinada pela produção, no entanto, também evidenciou o papel da consciência em toda esta conjuntura.

Esta consciência ligada às condições materiais dos homens modifica-se com base nas suas ações; sendo seu conteúdo alterado na medida em que as necessidades dos homens tornam-se prementes e com base nas relações de produção material e social. Com o desdobramento da consciência estritamente ligada às condições materiais chega-se a um determinado nível de desenvolvimento em que ocorre uma divisão entre o trabalho material e espiritual, e partir daí a alteração de uma divisão do trabalho natural à uma divisão social do trabalho. Conforme a complexidade na atividade dos homens, alguns poderiam imaginar ser algo distinto à realidade vivenciada ou mesmo acreditar que alterando-se as idéias mudam-se as condições materiais de vida; no entanto, a consciência não é relegada a um papel inferior, ela tem um papel a desempenhar na teoria marxiana, como destacou Botigelli:

É até inconcebível que os homens venham a transformar as circunstancias sem terem uma visão teórica, um conhecimento científico das condições dessa transformação. [...] Aos homens cabe, pois, atingir uma consciência científica da sua própria actividade, ou por outras palavras, uma consciência científica da história.⁷⁸

A base material da atividade dos homens corresponde à noção de forças de produção, que representam aos instrumentos de produção e os métodos que os homens utilizam no processo produtivo. Assim o crescimento da população; a cooperação; junto à divisão do trabalho correspondem às forças produtivas, estas que são desenvolvidas ao longo do tempo. Existe, portanto, uma relação entre divisão do trabalho e forças produtivas, um desenvolvimento desta última possibilita uma complexização no primeiro.

Dentro de sua análise Marx e Engels destacaram na *Ideologia Alemã*, o processo originário da propriedade:

Com a divisão do trabalho, na qual todas essas contradições estão dadas e que, por sua vez, se baseia na divisão natural do trabalho na família e na separação da sociedade em diversas famílias opostas umas às outras, estão dadas ao mesmo tempo a distribuição e, mais precisamente a distribuição desigual, tanto quantitativa quanto qualitativamente, do trabalho e de seus produtos; portanto, está dada a propriedade, que já tem seu embrião, sua primeira forma, na família, onde a mulher e os filhos são escravos do homem [...] Além do mais divisão do trabalho e propriedade privada são expressões

⁷⁸ *Id. Ibid.* p.178.

idênticas – numa é dito com relação à própria atividade aquilo que, noutra, é dito com relação ao produto da atividade.⁷⁹

Assim como, descreveram uma história de “formas de propriedade”, elencando três diferentes formas de propriedade, pré-burguesas, fazendo a distinção entre a forma de propriedade tribal, antiga feudal e a correspondente à origem da burguesa moderna⁸⁰; Este esboço do desenvolvimento das formas de propriedade resultou que os elementos envolvidos diretamente em uma conjuntura, às forças de produção e relações sociais, estão dialeticamente conectadas:

As diferentes fases de desenvolvimento da divisão do trabalho significam outras tantas formas diferentes da propriedade; quer dizer, cada nova fase da divisão do trabalho determina também as relações dos indivíduos uns com os outros no que diz respeito ao material, ao instrumento e ao produto do trabalho.⁸¹

Estas formas de propriedade são caracterizadas pelo modo de produção, ou seja, pela formação econômica da sociedade o modo como a esta organiza os papéis dentro do processo produtivo e sua distribuição, tem por função determinar a condição da sociedade. Estes modos de produção que regem a organização produtiva tem na concepção marxiana de história um suceder-se, segundo Krader, em “uma série descontínua de estágios de desenvolvimento, divididos de acordo com os diferentes modos pelos quais a produção é organizada e realizada”.⁸²

A estas formações econômicas há uma correspondência à uma determinada época; Marx em seu prefácio de 1859 em *Para Crítica da Economia Política* delimitou

⁷⁹ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *op.cit.*, p. 36 - 37.

⁸⁰ Não vamos nos ater com profundidade a este tema, no entanto, vale ressaltar algumas características destas formas de propriedade: A tribal possui características da propriedade da terra constituir-se coletivamente; divisão do trabalho e forças produtivas pouco desenvolvidas e uma organização social baseada na família. A forma de propriedade Antiga baseia-se ainda em uma propriedade comunal ou estatal com desdobramento de uma propriedade imobiliária; o pertencimento a uma comunidade garante a estes habitantes um diferencial que possibilita a escravização do outro (diferente) e daí teria o resultado de um confronto entre classes antagônicas. A forma de propriedade feudal é coletiva na medida em que estabelece uma ordem aos servos junto a um determinado senhor e inerente a ela existem a divisão entre cidade e campo. A organização feudal é expressamente agrária e fornece às cidades o modelo de corporação. Com o aumento da riqueza dos artesãos da cidade houve possibilidade do surgimento de uma burguesia. Isto posto, chegou-se a concepção de que na medida em que há um aumento das forças produtivas e da divisão do trabalho houvera uma condução de uma divisão definida entre cidade e campo possibilitando a origem de uma forma de propriedade privada moderna que no transcurso de seu progresso criou as relações da produção capitalista. *Id.Ibid.*p.90 - 92.

⁸¹ *Id.Ibid.*p.89.

⁸² KRADER, Lawrence. *Evolução, Revolução e Estado: Marx e o pensamento etnológico*. In: Hobsbawm, Eric. (Org.). *História do Marxismo.v.1. O marxismo no tempo de Marx*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.p.267.

quatro formações econômicas: asiática, clássica-antiga, feudal e burguesa moderna, todas englobando a história da economia social e política de um determinado tempo:

Em grandes traços podem ser caracterizados, como épocas progressivas da formação econômica da sociedade, os modos de produção: asiático, antigo, feudal e burguês moderno. As relações burguesas de produção constituem a última forma antagônica do processo social de produção, antagônicas não em um sentido individual, mas de um antagonismo nascente das condições materiais para a solução deste antagonismo.⁸³

Implícito a elas existem épocas correspondentes à organização da sociedade (oriental; escravista antiga; sociedade servil da Europa ocidental; burguesa moderna); juntas em suas conjunções, formam a história da sociedade civilizada.⁸⁴

O movimento desta sucessão histórica ocorre por meio de um processo que integra o desenvolvimento das forças produtivas; das relações de produção; da troca e, por conseguinte das formas de propriedade a ela ligadas. O enfrentamento entre as forças produtivas e formas de propriedade ocasionam um momento de transição à outro estágio descontínuo

Estas formas organizativas e distributivas da produção que, portanto possuem um suceder-se descontínuo não se caracterizam por uma forma unilinear de desenvolvimento, possuem um sentido evolutivo, na medida em que a passagem de um modo à outro, consiste por uma progressão, esta ocorre por forças imanentes a um estágio e ligadas ao seguinte, de modo ininterrupto; visto que a mutação tem sua propulsão por forças internas comuns aos distintos estágios de desenvolvimento. Estas forças internas são as forças produtivas, que segundo Lawrence Krader:

[...] não constituem de nenhum modo um desenvolvimento externo ao próprio curso histórico da produção, já que a relação entre o trabalho e a natureza é a aplicação direta da atividade laborativa, com a qual os materiais naturais são transformados no interior do processo de produção.⁸⁵

É examinando o desenvolvimento das forças produtivas, que pode-se chegar a delimitações de forças produtivas superiores em relação à outras⁸⁶, não

⁸³ MARX, Karl. *op.cit.*, p. 30.

⁸⁴ KRADER, Lawrence. *Evolução, Revolução e Estado: Marx e o pensamento etnológico*. p.287.

⁸⁵ *Id.Ibid.*p.267.

⁸⁶ Em suas cartas sobre a Índia e nos seus artigos no *New-York Daily Tribune*, da década de 1850, Marx evidenciou a diferença da organização de produção entre a Índia e a Inglaterra. Mais precisamente destacou que as distintas mudanças políticas ocorridas em território Indiano ao longo dos séculos foram

necessariamente de uma essência mais avançada, mas a superioridade delimitada pelas características mais próximas do cerne da teoria e da investigação de Marx e Engels: o estudo do modo de produção capitalista e seus desdobramentos de superação.

Portanto, a história dos homens foi compreendida como um processo de progressão tanto do homem alienando-se do mundo natural pelo seu próprio trabalho; como o avanço, por meio do trabalho de um modo de produção à outro. Os distintos estágios deste desenvolvimento são sincronicamente: termos classificatórios (exterioridades) e forças produtivas (elementos intrínsecos), estas que possibilitam o dinamismo interno da história humana.⁸⁷

Os modos de produção são, portanto a base econômica (estrutura) de uma sociedade e são ligados à uma superestrutura (jurídico-política) que é determinada dentro de um contexto histórico; estes modos foram elencados no prefácio de 1859, como asiático, clássico-antigo, feudal e capitalista; dentro de uma determinada organização histórica. Relacionam-se entre si como épocas progressivas das formações econômicas de um conjunto social, constituem progressão na medida em que as forças produtivas de uma determinada organização possua um desenvolvimento superior.

Estas noções que Marx esboçou foram enriquecidas ao longo dos seus estudos; destacando-se a contribuição da estadia e, portanto do contato de Marx na Inglaterra, país que por ser potência no século XIX, e, portanto, detendo controle político-econômico de uma vastidão de territórios na Ásia, possibilitou à Marx entrar em contato com a situação do Oriente bem como suas particularidades (sobretudo Índia e China); Além dos estudos houve um interesse pelos acontecimentos em andamento naquela região, como expôs Gianni Sofri:

Nos mesmos anos em que Marx se dedicava a tais leituras, ocorriam na Ásia acontecimentos históricos de grande importância, tornado-se aquele continente,

incapazes de alterar a base econômica destas sociedades e a dominação britânica, assumindo um papel de superioridade decorrente de uma produção mais complexa possibilitou um sucesso nas incursões sobre à Índia; o mesmo não ocorreu quando outros conquistadores tentaram o mesmo feito. MARX, Karl. La dominación británica en la India de 10 de junho de 1853. In: GODELIER, Maurice. *Sobre el Modo de Produccion Asiático*. Barcelona: Martínez Roca, S.A, 1972. p.82.

⁸⁷ KRADER, Lawrence. *Evolução, Revolução e Estado: Marx e o pensamento etnológico*.p.268.

após o fracasso de 48-49, o principal teatro das lutas internacionais. Em 1853, a discussão no Parlamento inglês sobre a organização definitiva a ser dada às possessões indianas forneceu a ocasião para um reexame de toda a política britânica na Índia, e dos seus resultados.⁸⁸

As investigações sobre as particularidades econômicas da Ásia somadas ao interesse no estudo da história bem como na releitura das obras de economia-política clássica, como atestam suas cartas e correspondências, contribuíram para uma análise mais profunda da situação Oriental, reservando a estas formações sociais um estudo mais específico culminando com o desenvolvimento de uma concepção de modo de produção asiático, que apesar da alcunha de “asiático”, não se restringe no tempo e no espaço.⁸⁹

Em suas investigações referentes aos fundamentos do modo de produção capitalista, destacam-se os manuscritos de 1857-1858, que posteriormente foram organizados sob a titulação de os *Grundrisse*. Nestes Marx destacou a relação entre trabalho assalariado e capital na estrutura que rege este modo de produção. Ainda desenvolveu questões referentes à origem histórica do capitalismo no capítulo denominado *Formações econômicas pré-capitalistas (Formen)*, no qual fez uma exposição lógica do desdobramento das diferentes formas precedentes ao capitalismo. Estudando as formas de progressão, a partir de uma sociedade baseada em uma forma de propriedade comunal (tomando-a como um pressuposto histórico da humanidade). Como elucidou Godelier:

En las *formaciones económicas precapitalistas* Marx describe siete formas diferentes de apropiación de la tierra, es decir de la relación dominante de producción entre los hombres en las sociedades preindustriales. Estas formas

⁸⁸ SOFRI, G. *O modo de produção asiático: história de uma controvérsia marxista*. Rio de Janeiro: RJ. Paz e Terra, 1977.p.26.

⁸⁹ O modo de produção asiático fora elaborado por Marx inicialmente em 1853, tem seu ápice nos estudos que compõem as *Formen* (1857 – 1858). Em linhas gerais pode ser expresso pela organização social na qual já aparece a produção de excedentes. A antiga comunidade baseada nos laços de parentesco tem suas relações antagonizadas entre chefes e súbditos (que outrora viviam em uma harmonia mediada pelas relações de parentesco), os primeiros conseguem exercer e centralizar funções específicas necessárias para a produção destas comunidades. Neste já se define um estado autônomo, que por controlar setores (obras públicas para irrigação, por exemplo) fundamentais para a sobrevivência das aldeias define-se como proprietário único do território. Por característica então este modo de produção possui uma unidade de autossuficiência entre manufatura e agricultura GODELIER, M. *Marx – Engels. Sobre el modo de producción Asiático*. p.20 – 25. Neste trabalho não nos aprofundaremos na análise deste modo de produção e de seus posteriores desdobramentos, no entanto, para maior aprofundamento, consultar às obras de: *Id.Ibid.* e SOFRI, G. *op.cit.*

se suceden hasta el modo de producción capitalista, en el cual la separación del trabajador y de las condiciones objetivas de la producción es radical.⁹⁰

O processo de desvinculação do trabalhador com os meios para a realização do seu trabalho constitui-se como um dos primeiros históricos do capital; assim o capitalismo antagoniza com as formações sociais pré-capitalistas, nas quais ainda existem indivíduos que exercem o trabalho bem como as condições para a realização deste, destacando-se a terra, que junto às comunidades, nas *Formen*, manifestam-se como pressupostos naturais para a existência e trabalho do indivíduo.

Desdobrando desta análise a comunidade que compõe os indivíduos e media sua relação ante a terra, passou por diferentes formas ao longo da história da humanidade. Nas *Formen* Marx esboçará que as distintas formas de propriedade desdobraram-se da propriedade comunal, assumindo as formas: Asiática, Antiga e Germânica, e posteriormente em detrimento de condições histórico-geográficas, desdobrando ainda na escravidão e servidão. Ressalta-se que os Grundrisse serviram de base para a redação da *Contribuição a Crítica da Economia Política* de 1859, no qual se evidenciou o prefácio de 1859, este demonstrando a relação histórica entre as forças produtivas, relações de produção, superestrutura, consciência e o processo revolucionário. Delineando épocas de progresso histórico em quatro formas de propriedade: Asiática, antiga, feudal e burguesa moderna. As quais já foram delineadas; valendo-se fazer uma ressalva no que tange à progressão destes modos, segundo o historiador Eric Hobsbawm:

A afirmativa de que as formações asiática, antiga, feudal e burguesa moderna representam etapas do progresso, não implica, portanto, qualquer visão unilinear e simplista, da história, nem resulta na opinião primária de que toda a história é progresso. Apenas reconhece que cada um destes sistemas cada vez mais afasta-se, em aspectos cruciais, da situação primitiva do homem.⁹¹

No pensamento marxiano nota-se uma tentativa de esboçar uma lei geral de desenvolvimento histórico; o que não necessariamente implica num desenvolvimento

⁹⁰ “Nas formações econômicas pré-capitalistas Marx descreve sete formas diferentes de apropriação da terra, quer dizer da relação dominante de produção entre os homens nas sociedades pré-industriais. Estas formas sucedem-se até o modo de produção capitalista, no qual a separação do trabalhador e das condições objetivas da produção é radical”. GODELIER, M. *Marx – Engels. Sobre el modo de producción Asiático*.p.22.

⁹¹ HOBBSAWM, Eric. *Introdução*.p. 39.

por completo e bem definido de tal feito; as análises de Marx denotam complexidade no que tange às formações econômico-sociais pré-burguesas; daí uma interpretação esquemática de um desenvolvimento histórico, tomando por base o prefácio de 1859 conduzir a uma leitura sistemática na qual há uma disputa entre forças produtivas e relações de produção, no momento em que as primeiras superam as segundas tem-se a passagem de um estágio “superior”. As questões levantadas por Marx são muito mais profundas, como expressou Gianni Sofri,

[...] Na realidade, em Marx, esta idéia da relação entre forças produtivas e relações de produção nada tem do esquematismo que a caracteriza nas formulações de alguns de seus epígonos. Marx não se contenta com uma dialética de tipo hegeliano (negação da negação), mas vê a passagem de uma formação social a outra de maneira profundamente complexa, aquela que leva em conta uma grande quantidade de elementos histórico-geográficos.⁹²

As investigações de Karl Marx e Friedrich Engels, não se restringiram ao histórico, propriamente dito, tinham por busca um estudo crítico de esclarecimento da lógica e dos desenvolvimentos implícitos ao modo de produção capitalista e das possibilidades de sua supressão, daí o interesse que mantém pelas questões relacionadas às sociedades pré-capitalistas, tanto no que relaciona a teoria, tendo em vista à lógica proposta; como no campo da prática, pela possibilidade de um alvorecer revolucionário na Rússia.⁹³

A respeito desta possibilidade, ressaltam-se os acontecimentos políticos que sucederam na Rússia, cujo interesse de Marx e Engels fez-se presente desde o terceiro quartel do século XIX, destacando a influência que a então Rússia Czarista detinha no contexto europeu bem como as contradições internas deste império no que tange ao sua forma social.⁹⁴ O interesse principal centrou-se, portanto nos desenvolvimentos da “comuna rural russa” e na possibilidade de um desenvolvimento não-capitalista partindo

⁹² SOFRI, G. *op.cit.*,p.62.

⁹³ Expresso por meio das cartas e correspondências que Marx manteve junto ao diretor do periódico *Otiechestviennie Zapiski*, N.F.Danielson e à Vera Zasulich, juntamente com as elaborações por parte dos chamados populistas russos *narodniks*, referente às possibilidades de uma revolução social russa a partir do desenvolvimento da “comuna rural” ao socialismo sem necessariamente passar pelo “calvário” capitalista. Para elucidação mais profunda destas questões, consultar à obra de: GODELIER, M. *Marx – Engels. Sobre el modo de producción Asiático*.p.147-205.

⁹⁴ DEL ROIO, Marcos (org.). *Marxismo e Oriente: quando as periferias tornam-se os centros*. São Paulo: Ícone Editora, 2008.p.25.

deste ponto comunal; ou seja rompendo qualquer compreensão etapista da história e servindo de exemplo da complexidade teórica marxiana.

As leituras da teoria desenvolvida por Marx e Engels possibilitam uma gama de análises, no entanto, ressalva-se que por vezes, em decorrências de necessidades prementes, impostas pela *práxis*, os autores esboçaram os processos de desenvolvimento que ocorreram na Europa ocidental e que desembocariam no capitalismo, o que não necessariamente significa um eurocentrismo, no sentido da existência de seguir etapas já percorridas pela Europa do poente.

Como já evidenciamos a teoria geral expressa do materialismo histórico pressupõe uma sucessão de modos de produção e não a existência de uma ordem determinada pré-estabelecida⁹⁵, ou seja, não há necessariamente uma regra específica que estabeleça que necessariamente o capitalismo deva suceder do feudalismo; o primeiro tem como premissa necessária a separação do trabalhador e os meios de produção, o que ainda torna nebulosa a análise da estrutura, pois abre o questionamento da possibilidade desta separação ocorrer a partir de outro estágio. Dentro desta amplitude da concepção marxiana e de sua profundidade nos estudos dos modos de produção, as investigações no campo da antropologia e da etnologia enriqueceram o esboço deste desenvolvimento multilinear.

2.2 – MARX LEITOR DE LEWIS MORGAN

As investigações de Marx e Engels referente às sociedades pré-capitalistas, ganharam uma profundidade maior após os estudos e leituras referentes ao desenvolvimento da comuna agrícola assim como no campo etnológico. A comuna primitiva fora tomada como ponto inicial, um pressuposto histórico do desenvolvimento do grupo humano, cuja característica principal concentrava-se no fato de que esta fora composta por uma sociedade sem divisão de classe. O estudo da transição à uma sociedade delineada por classes antagônicas proporcionou maior envergadura para a

⁹⁵ HOBBSAWM, Eric. Introdução às formações econômicas pré-capitalistas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 22.

concepção materialista da história. O que veio a corroborar para uma análise do desenvolvimento das formações sociais, de modo que estes, não necessariamente obedecessem uma ordem pré-determinada, mas se desenvolvessem de modo multilinear em decorrência às particularidades encontradas em seu meio; o estudo antropológico possibilitou para Marx e Engels uma maior profundidade nas abordagens.

Lewis Morgan também chancelou os desenvolvimentos em uma perspectiva multilinear em seus apontamentos adotou um conjunto de progressões que abarcaram o mundo como um todo único, assumindo formas distintas nas diferentes regiões do globo, reafirmando, deste modo, uma leitura multipla em um contexto unitário, a história da humanidade.

Dentro da amplitude da concepção marxiana e de sua profundidade nos estudos dos modos de produção, o interesse pela antropologia ganhou relevância; estas investigações por parte de nosso autor seguiram até o ano de sua morte. A preocupação com as questões etnológicas fizeram-se presentes desde os *Manuscritos de 1844*, no entanto foram nos *Cadernos Etnológicos* que tornaram-se prementes, segundo o etnólogo Lawrence Krader, Marx partiu de uma óptica mais embebida de filosofia (conforme suas obras de juventude, destacando-se os *Manuscritos de 1844*) para ganhar contornos mais concretos em suas obras tardias (ressaltando os *Cadernos Etnológicos*). Vale ressaltar como apontou o etnólogo, que as questões filosóficas não foram abandonadas, mas estendidas e aprofundadas no decorrer dos seus estudos. Admitindo a existência de uma antropologia filosófica que no decorrer do tempo tornou-se concreta, Krader defende que há uma continuidade e descontinuidade, em um processo dialético na teoria marxiana:

La antropología de Marx pasó de ser en lós escritos primeros una antropología filosófica – en la que la orientación empírico-etnológica tenía una importancia reducida -, a una etnologia empírica, a la vez revolucionaria y evolucionista, en la que el elemento antropológico-filosófico tenía poco peso. Por otra parte esta antropología revolucionaria no solo prosigue las posiciones originarias de su antropologia filosófica, sino que también las extiende y profundiza.⁹⁶

⁹⁶ “A Antropologia de Marx passou nos primeiros escritos de uma antropologia filosófica – na qual a orientação empírico-etnológica tinha uma importância reduzida -, para uma etnologia empírica ainda revolucionária e evolucionista, na qual o elemento antropológico-filosófico detinha pouco peso. Por outro lado esta antropologia revolucionária não somente continua as posições originais de sua antropologia filosófica, mas também as estende e aprofunda”. KRADER, Lawrence. *Introducción*.p.2.

Por um lado Marx teria mantido um *continuum* de sua obra, o que compreendeu tanto seu período de juventude quanto de maturidade teórica, não deixando suas análises de outrora em outro plano, apenas aprofundo-as, ampliando sua metodologia. Por outro lado o autor reconheceu que na teoria marxiana existiu um momento de transição, que possibilitou um entendimento de ruptura, mas Krader o vê como um processo de descontinuidade, no qual os elementos de ordem filosófica metafísica são deixados de lado e em seu lugar é dada prioridade aos correspondentes empírico-etnológicos.

Os pressupostos antropológicos levantados por Karl Marx são associados à relação entre os homens e destes com a natureza. As observações iniciais demonstram que o homem está inserido dentro da História natural e de que o homem é um ser social, para sobreviver o homem vive em um conjunto. O homem desenvolveu-se ao longo do tempo por meio do trabalho, de início bruto, mas na medida em que o tempo avançou tornou-se mais hábil, como se pode atestar no desenvolvimento das invenções e descobertas, como marcos da progressão humana. Além de produzir seus meios de vida o homem produz a si mesmo, também por meio do trabalho, ou seja, desenvolve elementos tanto externos como inerentes.

O desdobramento entre os homens e o meio natural constituem uma dupla relação, uma continuidade e descontinuidade; a primeira, pois o homem também está inserido no meio natural e a segunda, pois o trabalho que o homem desempenhou e que produziu alienou-o de sua condição primeva. O resultado deste processo pode ser evidenciado na cultura, que pode ser analisada como uma medida para avaliar o grau de alienação e, portanto, a distância que estamos do meio natural, por meio da produção cultural. Assim sublinha esta questão, Lawrence Krader:

La cultura de la humanidad, a la vez que abarca el campo por el que entramos en contacto con el medio natural, configura el campo en el que trabajamos por nuestro sustento. La cultura en su totalidad es el instrumento con el que trabajamos la naturaleza fuera de nosotros y en nosotros. Es el instrumento de nuestro trabajo y su campo de aplicación es el mismo ámbito cultural”.⁹⁷

⁹⁷ “A cultura da humanidade, ainda abarca o campo pelo que entramos em contato com o meio natural, configura o campo no qual trabalhamos por nosso sustento. A cultura em sua totalidade é o instrumento com o qual trabalhamos a natureza fora de nós e em nós. É o instrumento de nosso trabalho e seu campo de aplicação”. *Id.Ibid.* p.3.

Por meio destes pressupostos podemos delinear o interesse de Marx no campo etnológico, portanto, datando desde sua juventude, mas somente a partir da década de 1870, que se ocupou de modo mais específico, baseando-se como referências aos seus estudos no campo econômico (com a contribuição do antropólogo britânico Edward Tylor); da história medieval (por meio do estudo do alemão G. Ludwig von Maurer) e no que refere-se a questão camponesa na Europa e Ásia, com contribuições do agrônomo August von Haxthausen e do sociólogo russo Maksim Kovalevsky, cujas obras Marx também resenhou, sendo posteriormente publicados em anexo da obra de Krader, *The Asiatic Mode of Production*. Kovalevsky tornou-se amigo de Karl Marx e trouxe-lhe, após viagem aos Estados Unidos em 1870, um exemplar do livro *A Sociedade Antiga* de Lewis Morgan, cujo estudo Marx iniciou no final do ano de 1880 e meados de 1881.⁹⁸

O ápice destas investigações pode ser destacado com a redação dos *Cadernos Etnológicos* de Karl Marx escritos entre os anos de 1880 e 1882, organizados por Lawrence Krader, estes borrões de estudo compõem manuscritos e comentários de Marx a respeito da obra de Lewis Morgan, *Ancient Society* (1877) como também de estudos dos demais antropólogos contemporâneos: John Budd Phear, *The Aryan Village in India and Ceylon* (1880); Henry Summer Maine, *Lectures on the early history of institutions* (1875); John Lubbock, *The origin of civilization* (1870),⁹⁹ todos foram resumidos e acrescentados com comentários críticos de Marx. Os cadernos não foram concluídos, e segundo Krader não existe uma certeza no que tange ao objetivo de publicação destes, pois salienta que: “Marx se ocupou tan intensa y continuamente de obras de etnología en aquellos años que es de suponer que abrigaba el proyecto de escribir algo en este terreno”.¹⁰⁰

Esta importância ou maior aproximação destacada à Morgan, pode ser evidenciada pelo método de análise empregado; Marx tinha o costume de fazer estudos

⁹⁸ KRADER, Lawrence. Marx, como etnólogo. In: *Nueva Antropología*. México: Asociación Nueva Antropología.A.C.v.l, n.2, 1975. p.03-21. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=15900201>>. Acesso em: 21 novembro 2014

⁹⁹ Neste trabalho não vamos nos ater na contribuição destes autores, focaremos na aceitação geral de Marx à Morgan.

¹⁰⁰ “Marx se ocupou tão intensa e continuamente de obras de etnologia naqueles anos que é de supor que abrigava o projeto de escrever algo neste terreno”. KRADER, Lawrence. *Introducción*. p.1

com resumos das obras que lia. Analisando a quantidade de páginas e de comentários (textos e sinais gráficos) infere-se que à medida em que Marx corroborava com as idéias propostas o número de páginas *in extenso* eram maiores e a quantidade de comentários críticos menores. O número de páginas do manuscrito dedicados à Morgan é de cerca de 98 páginas, contrastando com o número destinado à Phear (35 páginas), Maine (44 páginas), Lubbock (10 páginas).¹⁰¹

Deste modo o número de anotações também alterou-se, de início com poucos comentários e na medida em que avançam os apontamentos críticos tornam-se mais extensos, segundo Krader, “[...] si Marx comenzó con Morgan, es porque aquí encontró el sistema que más se acercaba a su própria perspectiva etnológica. Su crítica de Morgan es la más positiva y constructiva [...]”.¹⁰²

Em seus cadernos de estudo, Marx reorganizou a composição da obra de Lewis Morgan, modificando-a; Iniciou seus resumos do mesmo modo que o etnólogo pela parte correspondente ao desenvolvimento da inteligência mediante invenções e descobertas, no entanto, fazendo um resumo menor, cerca de 04 páginas do manuscrito, ao qual podemos inferir que Marx atribuiu menos relevância desta parte em suas concepções. A elaboração dos resumos segue com a terceira parte (desenvolvimento da idéia de família) ocupando aproximadamente 17 páginas do original (páginas 04 – 21); posteriormente a resenha concentrou-se na quarta parte (desenvolvimento da idéia de propriedade) e por fim a segunda parte, relativa à idéia de governo, cada uma respectivamente com 8 e 69 páginas do manuscrito.¹⁰³

O modo de organização dos *Cadernos Etnológicos* exemplificam os métodos de estudo de Marx, visto seu objetivo de fornecer material crítico bruto para um posterior desenvolvimento. Estes borrões apresentam portanto as idéias de Marx em fase de alusão da qual partiu para esboçar um pensamento mais complexo, fornecem, portanto

¹⁰¹ Numeração original dos cadernos situa-se na lateral de cada página; Os resumos à Morgan decorrem até a página 98. O que corresponde às páginas 73 – 210 sob organização de Lawrence Krader. Expressamente superior à dedicada aos demais antropólogos resenhados.

¹⁰² “[...] se Marx começou com Morgan, é porque aqui encontrou o sistema que mais se aproximava de sua própria perspectiva etnológica. Sua crítica de Morgan é a mais positiva e construtiva [...]”. *Id.Ibid.p.2.*

¹⁰³ Vale destacar a composição destas páginas do manuscrito, que, portanto compreenderam: 1 – Desenvolvimento da Inteligência mediante invenções e descobertas (correspondendo às páginas 73 – 78 dos cadernos organizados por Krader); 3 – Desenvolvimento da idéia de família (páginas 78 – 101); 4 – Desenvolvimento da idéia de propriedade (páginas 101 – 113); 2 – Desenvolvimento da idéia de governo (páginas 113 – 210).

um exemplo para a observação do método de trabalho do autor bem como de seus desenvolvimentos no campo antropológico. Isto posto, passaremos a esboçar na sequência do estudo, alguns comentários e concepções de Marx ante à obra de Morgan.

A análise que Marx fez da obra do etnólogo é crítica, o mesmo utilizou dos apontamentos do estadunidense para reforçar suas próprias, no que tange a uma interpretação de todo conjunto social não apenas individualista da história.¹⁰⁴ Ao longo dos manuscritos Marx teceu alguns comentários positivos ou mesmo complementares, como determinadas particularidades que Morgan não teria destacado, por exemplo, a inclusão de passagens da *Ilíada*, quando tratou da organização militar por base das frátrias¹⁰⁵, ou mesmo equívocos por parte do etnólogo na tradução do grego, ao qual Marx já detinha muita facilidade, como Krader destacou:

[...] Morgan se había basado igualmente en textos de la antigüedad clásica – sobre todo de Grecia y Roma – y, en menor medida, del Antiguo testamento. Marx verifico algunas citas de autores griegos y latinos y al final de sus apuntes, adujo outra serie de citas, sobre todo de canciones tribales, como anales históricos, además de etimologías griegas (por ejemplo <<sindiásmico>>) y latinas [...]¹⁰⁶

Outro ponto relevante ao longo da análise das obras por Marx é o cuidado que tem os termos e seus significados, um destes exemplos complementares ocorre quando Marx acrescenta ao esboço de Morgan de que a horticultura precedeu a lavragem dos campos, por meio da análise dos termos: *hortus* e *ager*. O primeiro significando espaço cercado para plantas (jardim) conforme diversos idiomas atestam.¹⁰⁷ O Segundo por delimitação implica limites. Houvera, portanto um enriquecimento das informações,

¹⁰⁴ KRADER, Lawrence. *Evolução, Revolução e Estado: Marx e o pensamento etnológico*.p.282.

¹⁰⁵ Marx acrescentou para corroborar a informação de Morgan sobre a divisão das tribos por frátrias, a frase de Nestor à Agamenon presente na *Ilíada* “<<Distribuye a tus hombres, oh Agamenón, por tribus, por frátrias, de modo que la frátria ayude a la frátria, la tribu a la tribu>>” MARX, Karl. Extractos de Marx, tomados de Lewis Henry Morgan Ancient Society. In: KRADER, Lawrence. *Los Apuntes Etnológicos de Karl Marx*.p.128.

¹⁰⁶ “[...] Morgan baseou-se igualmente em textos da antiguidade clássica – sobretudo Grécia e Roma – e em menor medida do antigo testamento. Marx verificou algumas citações de autores gregos e latinos ao final de seus apontamentos, acrescentando outra série de citações, sobretudo de canções tribais, como anais históricos, também de etimologias gregas (por exemplo <<sindiásmico>>) e latinas. [...]” . KRADER, Lawrence. *Introducción*. p.20.

¹⁰⁷ Marx evidencia sua erudição demonstrando uma grande quantidade de idiomas para seus exemplos, justificando a afirmativa de Morgan pelo significado do termo em distintos idiomas: grego, latim, alemão, italiano, francês, inglês. MARX, Karl. Extractos de Marx, tomados de Lewis Henry Morgan Ancient Society.p.76.

Marx não teria negado os dados propostos por Morgan apenas complementando e acrescentando o resultado das investigações que já havia feito.

Os comentários focam-se mais em complementos que corroboram com a teoria que Marx já estava desenvolvendo ao longo de sua vida, como por exemplo, quando Morgan aborda a questão da diferença entre o desenvolvimento da família e dos sistemas de parentesco, no qual o primeiro é ativo, passando ininterruptamente de um ponto baixo para um alto, enquanto o segundo em resposta é passivo e cristaliza-se nos usos e costumes, como expressou Morgan: “A forma da família progride necessariamente com maior rapidez que o sistemas de consanguinidade, que mais não fazem que ajustar-se numa fase posterior às relações de parentesco”¹⁰⁸. Conclusão que Morgan esboçou após análise de seus relatórios e das relações de parentesco. Marx no que tange a esta relação de atividade e passividade complementou: “[Lo mismo pasa más en general con lós sistemas políticos, religiosos, jurídicos, filosóficos]”¹⁰⁹. Ou seja ampliou a aplicabilidade do que Morgan esboçou; demonstrando que este é um fato que poderia ocorrer na relação dialética entre estrutura e superestrutura jurídico-política.

Outro ponto que evidenciamos nesta leitura que Marx realizou de Morgan é a presente crítica do antropólogo depreciativa à propriedade privada e de que esta seria apenas um momento que a história humana superaria. Morgan realizou um percurso do desenvolvimento da idéia de propriedade e seus desdobramentos em seus estudos partindo da selvageria à civilização, esboçando inclusive o malefício desta criação humana e seu caráter passageiro, bem como esboçando um modelo que a civilização retornará, no entanto, não apontou como esta superação deveria ocorrer:

O crescimento da propriedade tem sido tão vertiginoso a partir do advento da civilização, as suas formas tão diversas, a sua utilização tão vasta e variada, a sua gestão tão hábil no interesse dos poderosos, que ela se tornou, aos olhos do povo uma potência incontrolável. O espírito humano sente-se aturdido perante a sua própria criação. No entanto chegará o dia em que a inteligência do homem conseguirá dominar a propriedade e definir as relações entre o Estado e a propriedade que este protege, bem como as obrigações e os limites dos direitos de propriedade. Os interesses da sociedade sobrepõem-se aos direitos dos indivíduos e a relação entre uns e os outros deve ser justa e

¹⁰⁸ MORGAN, Lewis H. *op cit.*, v. 2. p. 126.

¹⁰⁹ “[O mesmo ocorre mais em geral com os sistemas políticos, religiosos, jurídicos, filosóficos]”
MARX, Karl. *Extractos de Marx, tomados de Lewis Henry Morgan Ancient Society*.p.87.

harmônica. O destino final da humanidade não pode ser a mera procura da riqueza, se é verdade que o progresso continuará a ser a lei do futuro como o foi do passado. O tempo que decorreu desde o início da civilização não é mais que um fragmento das idades do porvir¹¹⁰.

Apesar da clara crítica que Morgan faz da propriedade privada e seus desdobramentos, um diferencial em relação aos demais antropólogos estudados nos manuscritos, não faz diretamente uma ataque ao modo de produção capitalista. Este grau contestatório de Morgan foi observado por Marx com ressalvas, como consta inclusive em sua carta à Vera Zasulich de 1881, quando discutia a possibilidade do desenvolvimento da comuna rural russa; em determinado momento Marx indiretamente citou Morgan: “[...] como dice un autor americano insospechable de tendencias revolucionarias, y financiado para sus trabajos por el Gobierno de Wáshington [...]”¹¹¹. Segundo Lawrence Krader, Morgan “configurou dentre os quais reforçaram a causa socialista contra a própria vontade¹¹²”, ou seja, indiretamente.

Ainda na análise depreciativa a propriedade privada; houve uma colaboração deste para o debate da relação individuo-coletividade; Marx sustentou que no modo de produção capitalista o domínio desta interação reside no individual, e que retornará a repousar sobre uma base de igualdade e fraternidade, como nas antigas gens; o conteúdo presente nas relações primevas seria revivido, no entanto, sob outra forma. Ponto este que o fez avançar neste período no que tange aos debates do desenvolvimento da comuna rural russa, abrindo possibilidade desta desdobrar-se em um modo de produção igualitário e não necessariamente passar pelo capitalismo como uma forma etapista.

Neste âmbito das discussões insere-se outra das contribuições que Marx desdobrou de Morgan relacionado à *gens* e casta. Morgan elencou que a gens é uma instituição dominante na sociedade da época da barbárie, possibilitando uma unidade

¹¹⁰ MORGAN, Lewis H. *op cit.* v. 2. p. 308.

¹¹¹ “[...] como diz um autor americano insuspeitavel de tendências revolucionárias, e financiado pelo governo de Washington para realização de seus trabalhos”. MARX, Karl. Carta a Vera Zasulich de 8 de março de 1881. In: GODELIER, Maurice. *Sobre el Modo de Produccion Asiatico*.p.179.

¹¹² KRADER, Lawrence. *Evolução, Revolução e Estado: Marx e o pensamento etnológico*.p.282.

de um sistema social e governamental. Marx teria aplicado esta resolução à teoria da constituição histórica da casta:

El concepto de casta lo introduce el que escribe la carta y se interpreta de modo que un hombre no puede contraer matrimonio en su propia gens, pero sí en la gens de sus otros hermanos o fratria prima, pero muestra que en cuanto se produce una diferencia de rango entre parientes de sangre de <diversas> gentes, se produce un conflicto con el principio gentilico y la gens puede petrificarse en su contrario, la casta.¹¹³

A casta seria a petrificação da gens, esta ultima era organizada em subdivisões hierárquicas na sociedade Barbara assim como as castas na sociedade civilizada, somado a isto é no interior de ambas que se manifesta a igualdade e fraternidade por meio de um parentesco estabelecido.¹¹⁴

Apesar da diferença de seus desdobramentos, tanto a gens como a casta possuem características comuns, como a igualdade e a fraternidade possibilitada pelo vinculo de parentesco, este que “no permite que brote uma aristocracia acabada, la fraternidad permanece en equilibrio”¹¹⁵. Estes princípios apenas se apresentam de modo contraditório no principio aristocrático fundado sob a formação das classes sociais. Marx destacou que as classes sociais surgem no conflito de interesses entre os chefes das gentes (que outrora segundo Morgan eram designados pelos membros da gens em um principio democrático; sendo o cargo de chefe hereditário dentro da gens, mas com possibilidade de destituição) e os membros que a compunham. Esta distinção faz-se notório por meio da análise da riqueza e por consequência da propriedade privada, casas, terras, gado e seu desdobramento na família monogâmica, esta ultima que teria assegurado os direitos de herança do pai em relação ao filho em detrimento dos parentes gentílicos. Ou seja, enquanto os chefes concentraram grandes somas de propriedade os membros da gens foram definhando neste quesito.

A grande questão motora da dissolução das antigas comunidades gentílicas à civilização ganhou contornos distintos na análise de Marx e Engels, enquanto o primeiro

¹¹³ “O conceito de casta introduz o que escreve a carta e se interpreta de modo que um homem não pode contrair matrimonio em sua própria gens, mas sim na gens de seus outros irmãos ou fratria pirma, mas mostra que enquanto se produz uma diferença de categoria entre parentes de sangue de diversas gentes, se produz um conflito com o principio gentilico e a gens pode petrificar-se em seu contrário a casta”. MARX, Karl. *Extractos de Marx, tomados de Lewis Henry Morgan Ancient Society*.p.154.

¹¹⁴ KRADER, Lawrence. *Evolução, Revolução e Estado: Marx e o pensamento etnológico*.p.283-4.

¹¹⁵ “não permite que brote uma aristocracia acabada, a fraternidade permanece em equilibrio”. MARX, Karl. *Extractos de Marx, tomados de Lewis Henry Morgan Ancient Society*.p.155.

teve uma óptica mais reservada (assumindo implicitamente) a concepção de Morgan; Engels já assumiu uma postura mais explícita do problema. Morgan tomava a dissolução da gens como força motriz da história. A distinção de Marx é que o mesmo com todos os estudos que já delineavam seu pensamento tinha por noção que as tribos dos estados antigos não apenas se formavam por uma questão de parentesco mas também às relacionadas a localidade e particularidades (vizinhança, comunidade aldeã, proximidade geográfica).

Uma análise atenta à teoria marxiana, levando em consideração os borrões de estudo de Marx possibilitam uma leitura menos dogmática e mais atenta às diversas possibilidades implícitas na obra; como demonstra Krader:

A formação da sociedade civilizada e do Estado cresceu sobre a dissolução das coletividades arcaicas (gentes, clãs, comunidades aldeãs, associações) e da igualdade e da fraternidade a elas associadas.¹¹⁶

Deste modo os *Cadernos Etnológicos* demonstram o pensamento marxiano em sua maturidade. Implícito a estes manuscritos e ao conjunto das obras há possibilidade de uma leitura multilinear de desenvolvimentos das forças produtivas e relações de produção, partindo do estudo da comuna primitiva ao surgimento das classes sociais; processo que ocorre por meio de um crescente antagonismo de interesses dialeticamente atrelado ao acúmulo da propriedade e da alteração da família que ressaltou a divisão entre os homens. Esta alteração do desenvolvimento histórico, neste sentido ganhou caracteres distintos conforme às situações histórico-geográficas e econômicas de determinadas localidades assim como das sucessões entre as distintas formações sociais e do processo desta alteração de estágios, que, portanto não seguiram um modelo predeterminado.

¹¹⁶ KRADER, Lawrence. *Evolução, Revolução e Estado: Marx e o pensamento etnológico*.p.284.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho desenvolvido apresentou as questões relacionadas à concepção materialista da história, mais precisamente nas questões que permeiam às sociedades pré-capitalistas, e os influxos provenientes de distintos estudos por parte de Karl Marx, mais precisamente dos concernetes à etnologia, cuja obra *A Sociedade Primitiva* de Lewis Morgan destacou-se, conforme expresso nos *Cadernos Etnológicos* de Marx.

Os apontamentos referentes ao influxo de Morgan na concepção de Marx, fora realizado inicialmente partindo da análise antropológica em particular da obra *Sociedade Primitiva*; posteriormente passamos a delinear a trajetória teórica de Karl Marx, cuja concepção materialista da história evidenciou-se como foco, ressaltando à lógica proposta em sua primeira versão organizada, presente nos manuscritos d' *A Ideologia Alemã*. E por sua vez ressaltando os escritos posteriores, frutos de uma investigação e estudos mais profundos que possibilitaram ao autor d' *O Capital* desenvolver a partir das sociedades pré-capitalistas, um modo interpretativo da história, cuja aplicabilidade estendeu-se no tempo e no espaço; pioneiro no sentido de pensar a decorrência histórica por meio de uma hierarquia de episódios sociais, quando tratou da base estrutural da sociedade e da sua "superestrutura" correspondente e quando estipulou que uma sociedade possui em seu seio contradições internas, e a partir deste conflito de interesses, desenvolvem-se os germes da mudança.

Nesse âmbito de uma teoria da história que transcende no tempo e no espaço a teoria exposta por Lewis Morgan, possibilitou não somente a solidificação dos conteúdos referentes à pré-história humana, como também proporcionaram à Marx, uma amplitude teórica maior, no sentido, de que abriu possibilidade de problematizá-la em um todo unitário, ou seja, a história em si, ainda que com suas particularidades e desdobramentos internos distintos em cada localidade, pode ser investigada levando-se em conta um pressuposto comum.

A comuna primitiva, fora o ponto de partida, núcleo do qual os homens em um ambiente de fraternidade e igualdade conviviam, situação que alterou-se com o desenvolvimento da propriedade privada e a distinção crescente entre os chefes

gentílicos e os membros da gens. A dissolução destes laços de igualdade baseados outrora nos parentesco impulsionaram a crescente formação da sociedade civilizada e o Estado, os laços passaram à base territorial.

Podemos inferir portanto, que as contribuições propostas por Morgan foram tomadas por Marx que as condicionou dentro dos seus interesses teóricos e práticos; as noções correspondentes as sociedades pré-capitalistas e história ganharam uma nova profundidade, rompendo com a leitura etapista e obtendo uma nova amplitude de horizontes, uma multilinearidade de sucessões, em uma série descontínua, abrangendo as relações de produção e as forças produtivas no contexto particular historico-geográfico de cada localidade.

Estes pontos evidenciados corroboraram nas análises por Marx da situação das comunas rurais, então existentes, no século XIX, sobretudo à questão russa, a qual Marx rompendo com qualquer etapismo ou fatalismo, que pressupunha a passagem obrigatória ao capitalismo, vê o desdobramento da comuna agrária na Rússia como um ponto positivo para o alvorecer revolucionário. Essa questão prática tenciona, portanto, uma análise mais detalhada dos escritos correspondentes ao último período de vida de Marx, dentre eles os apontamentos etnológicos, cuja maturidade e aprofundamento possibilitaram uma percepção multilinear de desenvolvimento da história, e portanto, uma complexidade maior nas concepções das sociedades pré-capitalistas, cujos modos de produção correspondem à diversidade humana no que refere-se à dinâmica histórica da produção.

A importância da obra de Morgan, dentro do cerne teórico do materialismo histórico, também foi destacada por Friedrich Engels, que dentre as demais presentes nos Cadernos, evidenciou que a do etnólogo estadunidense mais se aproximou das concepções marxianas; o que suscita para trabalhos posteriores a investigação da contribuição de Morgan e dos *Cadernos Etnológicos* na elaboração d' *A Origem da Família, propriedade privada e do Estado de 1884*, cuja importância fora destacada pelo próprio Engels, no prefácio da primeira edição, da referida obra:

As páginas seguintes vêm a ser, de certo modo, a execução de um testamento. Marx dispunha-se a expor pessoalmente, os resultados das investigações de

Morgan em relação com as conclusões da sua (até certo ponto posso dizer nossa) análise materialista da história. Na América, Morgan descobriu de novo, e à sua maneira, a concepção materialista da história – formulada por Marx, quarenta anos antes – e, baseado nela, chegou, contrapondo barbárie e civilização, aos mesmos resultados essenciais de Marx.¹¹⁷

¹¹⁷ ENGELS, Friedrich. op.cit., p.7.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Mauro W.B. Lewis Morgan: 140 anos dos Sistemas de Consanguinidade e Afinidade da Família Humana (1871-2011). In: *Cadernos de Campo*, v.19, n.19, 2010. p.309-322. Disponível em: <revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/45193>. Acesso em: 07 setembro 2014.
- BALIBAR, Étienne. *Cinco estudos do materialismo histórico*. Lisboa: Ed. Presença, s.d.
- BOTTIGELLI, Émilie. *A gênese do socialismo científico*. Lisboa: Estampa, 1971.
- COPANS, Jean. (coord.) *Antropologia, ciência das sociedades primitivas?*. 2ªed. Lisboa: Edições 70, 1971.
- CHILDE, V. Gordon. *A evolução cultural do homem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- DEL ROIO, Marcos (org.). *Marxismo e Oriente: quando as periferias tornam-se os centros*. São Paulo: Ícone Editora, 2008.
- ENGELS, Friedrich. *A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. São Paulo: Centauro, 2002.
- FÁBREGAS, Andrés. Notas sobre el trabajo de Lawrence Krader. In: *Nueva Antropología*. México: Asociación Nueva Antropología. A.C.v.III, n.10, 1979. p.05-12. Disponível em: <redalyc.org/articulo.oa?id=15931002>. Acesso em: 20 novembro 2014.
- FEDOSSEIEV, P. N. et al. *Karl Marx – biografia*. Lisboa: Edições Avante/Edições Progresso, 1983.
- GIORDANI, Mário Curtis. *História da antigüidade oriental*. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- GODELIER, Maurice. *Antropologia e Marxismo*. Roma: Editori Runiti, 1980.
- _____. *Marx – Engels. Sobre el modo de producción Asiático*. Ediciones Martinez Roca, S.A. Barcelona, 1969.
- KRADER, Lawrence. (org.) *Los Apuntes Etnologicos de Karl Marx*. Madrid: Siglo XXI, 1998.
- _____. Evolução, Revolução e Estado: Marx e o pensamento etnológico. In: Hobsbawm, Eric. (org.). *História do Marxismo*.v.1. O marxismo no tempo de Marx. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- _____. Marx, como etnólogo. In: *Nueva Antropología*. México: Asociación Nueva Antropología. A.C. v.I, n.2, 1975. p.03-21. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=15900201>>. Acesso em: 21 novembro 2014.
- LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1ª, 1988.

LEOPOLDI, José Sávio. Rousseau - estado de natureza, o "bom selvagem" e as sociedades indígenas. In: *Revista Alceu*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, v. II, n. 4, jan./jun. 2002, p. 158-172. Disponível em: <revistaalceu.com.pucRio.br/media/alceu_n4_Leopoldi.pdf>. Acesso em: 10 novembro 2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1976.

LOWIE, Robert. *Historia de la etnologia*. Terceira reimpressão em espanhol. México: Fondo de Cultura Económica (1937), 1985.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. *Manifesto do Partido Comunista*. 2ªed. São Paulo: Editora Escala, 2009, (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal).

MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857 – 1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo; SP: Boitempo, 2011.

_____. *Formações econômicas pré-capitalistas* (HOBBSBAWM, Eric. org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. Prefácio Para a Critica da economia Política. In: *Karl Marx Manuscritos econômico filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultural, 1987, (Os Pensadores).

MCLELLAN, David. *Marx y lós jóvenes hegelianos*. Barcelona: Martínez Roca S.A, 1971.

MERCIER, Paul. *História da Antropologia*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

MORGAN, Lewis H. *A Sociedade Primitiva*. Lisboa: 2ªed. Presença, 1973.

PALUCH, Andrzej. *Mistrzowie Antropologii Społecznej*. Varsóvia: PWN, 1990.

POIRIER, Jean. *História da Etnologia*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1981.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Editora Cultrix LTDA, 1995.

SOFRI, Gianni. *O modo de produção asiático: história de uma controvérsia marxista*. Rio de Janeiro: RJ. Paz e Terra, 1977.

TERRAY, Emmanuel. *O marxismo diante das Sociedades Primitivas*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.